

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Flavia Alexandra Tampeli Camargo de Souza

Sem Cerimônias

Um *fashion film* sobre o vestido de noiva após o cerimonial

Rio de Janeiro

2022

Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil

Faculdade SENAI CETIQT

Curso de Bacharelado em Design

Flavia Alexandra Tampeli Camargo de Souza

Sem Cerimônias

Um *fashion film* sobre o vestido de noiva após o cerimonial

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Profª Luisa Helena Silva Meirelles

Ficha catalográfica

Souza, Flavia Alexandra Tampeli Camargo de
Sem Cerimônias: Uma proposta comercial para o vestido de
casamento após a cerimônia / Flavia Alexandra Tampeli Camargo de
Souza – Rio de Janeiro, 2022.

115 p.

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão
Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI
CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Bacharel em Design.

1. Design de moda. 2. Vestido de noiva. I. Sem Cerimônias.

Flavia Alexandra Tampeli Camargo de Souza

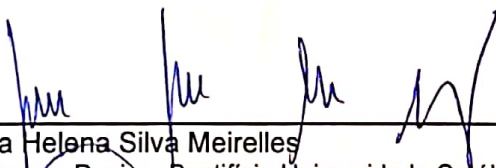
Sem Cerimônias

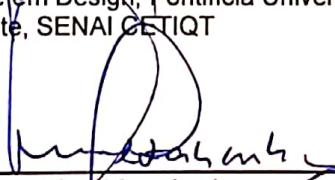
Um *fashion film* sobre o vestido de noiva após o cerimonial

Projeto de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design.

Data de Aprovação: 29/11/2022.

Banca Examinadora:

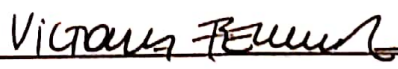


Luisa Helena Silva Meirelles
Mestre em Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Docente, SENAI CETIQT

Solange Riva Mezabarba,
Doutora em Antropologia - Universidade Federal Fluminense
Docente, SENAI CETIQT

Diva Lúcia Vieira Costa
Especialista em Indústria Avançada: Confecção 4.0, SENAI CETIQT
Docente, SENAI CETIQT

Victoria Fernandez Bastos
Coordenadora Acadêmica do Curso de
Design de Moda
SENAI CETIQT



Victória Fernandez Bastos
Coordenadora do Bacharelado em Design

Dedicatória

Dedico este trabalho, as nossas ancestrais que lutaram para o lugar que hoje nos encontramos, e para as mulheres atuais, que continuam neste ciclo de conquistas por novos projetos que contemplem a nossa presença. E em especial, minha avó, Yara Camargo de Castro, exemplo de mulher sonhadora, batalhadora, guerreira, que coragem em se aventurar em algo novo, confeccionou o seu próprio vestido de noiva por falta de condições financeiras. Se hoje escolhi esta profissão, foi pelo seu incentivo e por ter acreditado em mim.

Agradecimento

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, meu maior confidente, do qual me concebeu a oportunidade de estar realizando meu grande sonho de finalizar minha formação acadêmica e por me promover discernimento e sabedoria nos momentos mais conflituosos que tive. A mim, que acreditei no meu potencial, e que por muitas vezes, dentro dos meus altos e baixos, mantive a convicção do meu objetivo, e hoje, ele se apresenta escrito aqui.

Agradeço a meus tios, Roulien Jorge e Rosiméri, que sempre acreditaram no meu potencial e me estimularam a seguir meus sonhos. A minha avó e meu pai, Yara e Robson Marcus, que hoje não se encontram mais neste plano, mas sei que estariam muito felizes pelo grande passo que estou dando neste momento. A minha madrinha querida, Letícia, minha propulsora e exemplo de mulher guerreira.

Aos meus amigos, a família que pude escolher, que me apoiam em minhas decisões e nos momentos que mais tive dificuldade. Em especial, a Mariana Farto e Mariana Jevaux, este projeto tem o toque de vocês aqui, minha gratidão a toda estrutura que me forneceram para que este projeto se tornasse real. Ao meu melhor amigo, Felipe Faulhaber, com quem pude compartilhar todos os meus momentos de alegria e estresse, e foi meu ponto de equilíbrio e motivação. Obrigada por acreditarem em mim.

E por último, e não menos importante, aos meus professores, a todos que participaram da minha vida acadêmica, minha imensa gratidão. Estar com vocês em sala, me trouxe a oportunidade de formar a grande profissional que estou me tornando e projetar as melhorias que preciso um dia alcançar, nada disso seria possível sem vocês.

“Não há ninguém, mesmo sem
cultura, que não se torne poeta quando
o amor toma conta dele...”

(Platão)

Resumo

Este projeto tem como objetivo se aprofundar na relação feminina com o vestido de noiva após o cerimonial e mostrar que o designer de moda pode apresentar um novo repertório ao fim fúnebre da peça, trazendo novas possibilidades de produtos permitindo uma ressignificação e o retorno ao mercado de consumo. A partir de um estudo qualitativo aprofundado em quatro entrevistas com mulheres em fases distintas do casamento foi possível investigar como são suas relações com a peça com o passar do cerimonial e como sua ligação permanece. Além disso, foram analisadas a trajetória da mulher dentro do ritual do casamento e a evolução do traje ao longo dos anos. Com isso, desenvolveu-se como produto um *fashion film* com o intuito de apresentar uma conscientização acerca do ciclo de vida curto do vestido, pondo em questionamento a relação inicial no processo de confecção/criação/procura pela peça e é perdido o vínculo ao longo dos anos, podendo ser ressignificado. No vídeo são apresentadas as falas das entrevistadas e seu repertório exclusivo com o vestido e como foi/é sua relação atualmente, e como o mercado de moda pode interpretar este laço afetivo e permitir que este produto possa se transformar e ganhar uma nova função no dia a dia desta mulher. Para confecção do produto final foram utilizadas técnicas e métodos aprendidos ao longo do curso para seu desenvolvimento. Além de ferramentas de design que auxiliassem na busca de referenciais imagéticos através do diálogo estabelecido pelas entrevistadas.

Palavras-chave: Design de Moda. Vestido de noiva. *Fashion Film*.

Abstract

This project aims to delve deeper into the female relationship with the wedding dress after the ceremony and to show that the fashion designer can present a new repertoire at the funeral end of the piece, bringing new possibilities for products allowing a re-signification and the return to the market of consumption. Based on an in-depth qualitative study of four interviews with women in different stages of marriage, it was possible to investigate how their relationships with the piece are throughout the ceremonial and how their connection remains. In addition, the trajectory of the woman within the wedding ritual and the evolution of the costume over the years were analyzed. With that, a fashion film was developed as a product in order to raise awareness about the short life cycle of the dress, questioning the initial relationship in the process of making/creating/searching for the garment and the link is lost throughout years, and can be re-signified. The video shows the lines of the interviewees and their exclusive repertoire with the dress and how their relationship was/is currently, and how the fashion market can interpret this affective bond and allow this product to transform and gain a new function on the day this woman's day. To make the final product, techniques and methods learned throughout the course were used for its development. In addition to design tools that would help in the search for imagery references through the dialogue established by the interviewee

Key-words: *Fashion design. Wedding dress. Fashion Film*

SUMÁRIO

Introdução	10
1. O RITUAL	13
1.1 A festa e o papel da noiva	15
1.2 A simbologia do figurino	17
2. OS PREPARATIVOS	23
2.1 A noiva	25
2.2 Celebrando bodas: Bodas de Latão	30
2.3 Celebrando bodas: Bodas de Crizo	36
2.4 Encerrando ciclos	41
3. SEM CERIMÔNIAS	49
Release	50
O processo criativo	51
Os moodboards	52
As cartela de cores	10
Storyboard	12
A gravação	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
Referências	23
APÊNDICE A – PROTOCOLO ÉTICO	27
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS	29
APÊNDICE C – ENTREVISTA COMPLETA LÍVIA MERCIER E JOSELI MERCIER	30
APÊNDICE D – ENTREVISTA COMPLETA LETÍCIA CARDINALI	48
APÊNDICE E – ENTREVISTA COMPLETA REGINA FARTO	56

Introdução

O casamento, momento tão esperado na jornada dos noivos, teve que ter um período de adiamento desde março de 2020. Após uma longa temporada impossibilitando os encontros presenciais devido ao momento pandêmico que o mundo testemunhou do vírus Covid-19, as campanhas de vacinação e a diminuição dos números de óbitos e contagiados diariamente foram um estímulo para que a vida pudesse aos poucos voltar ao normal. Com isso, a procura até então reprimida, das festas de casamento voltaram com força total nos últimos meses. Em 2021, no Rio de Janeiro, sofreu um aumento de 28% nos cartórios (ALTAIR, 2021), e esperado para o ano de 2022 um boom de 47% só no primeiro semestre no Brasil inteiro em comparativo com o ano anterior (DURAN, JANONE, 2021).

O momento de espera acabou, e os preparativos estão entusiásticos para que o sonho da união dos casais aconteça finalmente. O ritual de uma nova fase aguarda mais próximo do que se imagina, trazendo elementos que persistem a centenas de anos, desde a Grécia Antiga. Segundo Coulanges (1864), o banquete, a cerimônia com a família, até mesmo o véu da esposa são componentes deste cenário que pertenciam aos cultos religiosos greco-romanos para união dos casais. Estes símbolos que se repetem até os dias atuais. No entanto, neste estudo faremos um recorte para um figurino que caracteriza grande parte desta dramatização matrimonial, trazendo a simbologia do rito através desta peça, o vestido de noiva.

A partir de uma relação pessoal sobre o entendimento do Sagrado Feminino e uma sensibilidade com a grande jornada que a mulher tem conquistado sobre seu papel junto a sociedade ao decorrer dos anos, foi captado uma necessidade sobre o seu relacionamento, com uma visão contemporânea, sobre o vestido de casamento após o seu uso. Uma peça que traz uma simbologia forte numa ritualística que durante a Antiguidade até a Idade Média a mulher foi coadjuvante. Segundo Vera (2016), os matrimônios eram sacramentados pela decisão dos pais, com o intuito da aliança entre famílias, para herança de bens e títulos de poder, além de ligações políticas. E que, foi no mundo moderno, onde o amor se tornou fonte de valor do ritual, tendo assim,

personificado na imagem feminina a personagem principal ganhando esta significação através de sua indumentária.

Com base nessa relação afetiva pelo tema e experiências profissionais no ramo dos ateliês de noiva, o foco deste projeto se inicia sob a análise da relação da mulher com o vestido após o ritual, apresentando uma possibilidade de perda da valorização do traje, promovendo um desapego quanto a materialidade da peça, trazendo uma oportunidade de mercado para os designers de moda. Fundamentado na história de vida com entrevistas em profundidade de quatro mulheres que se encontram em fases distintas do matrimônio, foi realizada uma pesquisa qualitativa, além do uso de referenciais teóricos para embasamento do estudo. Mediante isto, o presente projeto tem como objetivo a realização de um *fashion film* de apenas cinco minutos de categoria narrativa e visual, onde enfatiza o questionamento da relação mulher e peça após o matrimônio através da apresentação de trechos marcantes destas conversas, onde são observados a relação de criação/idealização da peça, e o destino do vestido após o cerimonial, e como a moda permite que este item, até então perdido nas memórias, possa se tornar novamente útil e funcional retornando ao mercado de consumo.

O prelúdio do projeto segue na obtenção de uma visão histórica do ritual do casamento, partindo de um campo de visão mais ampla. Analisando as modificações da cerimônia e a persistência de certos elementos ao longo dos anos. A partir deste envolvimento com a temática, segue-se para o direcionamento do componente até então vivo, que é o recorte deste estudo, o vestido de noiva.

Logo após, serão abordados o roteiro de perguntas, o encontro com as entrevistadas e a investigação sobre o destino da peça de vestuário, identificando a relação pessoal estabelecido por cada entrevistada.

Após este estudo, no capítulo 3, é apresentado o processo criativo do *fashion film*. Para isso é abordado brevemente sobre o conceito desta ferramenta

que tem conquistado um campo considerável no ramo da moda, em especial neste momento pós pandêmico com o intuito de comunicar o valor, a identidade e a estética das marcas. Em seguida, será exposto o processo criativo de como foi possível traduzir para um campo visual as falas e abordagens das entrevistadas, além da análise do *release* e do *storyboard*, que terão o papel de conduzir de forma clara a direção deste vídeo. Também serão expostas a escolha da trilha sonora, e, por último, a exposição de dificuldades e conquistas do projeto.

1. O RITUAL

Itens decorativos, músicas selecionadas para o ambiente, banquete farto e figurino à caráter, estes são alguns dos itens que caracterizam a cerimônia do casamento tradicional ocidental nos tempos atuais. Todo este cenário é preenchido com uma grande figuração composta de familiares e amigos dos personagens principais do evento, que tem o intuito de apoiar e comemorar o rito de passagem que acontece entre os noivos. A partir de uma visão teatral proposta por Goffman (1959), a vida real é constituída por dois elementos, sendo um o indivíduo protagonista de sua narrativa que se baseia nos papéis desenvolvidos pelos outros ao seu redor, e estes, são os que presenciam como plateia toda a dramatização de sua história. Apresentando assim, uma necessidade humana sobre a reprodução de símbolos e ritos, que caracterizam a cultura. E para embasamento sobre a importância da ritualística dentro das tradições e valores de um povo como evento para caracterizar esta mudança de status social em busca de uma aprovação do meio do qual o indivíduo se encontra inserido, McCracken (2007, p.108) discorre:

O ritual é uma oportunidade de afirmar, evocar, atribuir ou rever os símbolos e significados convencionais da ordem cultural. Nesse sentido, ele é uma ferramenta poderosa e versátil de manipulação do significado cultural.

Sendo assim, o casamento apresenta-se como um rito de passagem de status social, onde a cerimônia ao longo do tempo foi apresentada a uma série de mudanças na sua estrutura e, em especial, no seu ideal. Nos relatos de estudo sobre a Grécia Antiga, Coulanges (1956) cita o não acontecimento do rito nos templos e sim nas casas, presidida pelo deus doméstico, onde a noiva corta os laços com a religião primitiva e se vincula aos deuses e ancestrais do esposo. Percebe-se uma configuração da imagem da mulher como submissa as vontades do homem a partir desta relação religiosa. Segundo Coulanges (1956, p.35) “O casamento proporcionou-lhe um segundo nascimento. De ora em diante ela é a filha do marido [...], enaltecendo assim, uma representação de fragilidade

feminina, silenciamento e, expondo uma união pautada em questões além do amor e da sexualidade. Araújo (2002) afirma que desde a Antiguidade até a Idade Média os casamentos eram representação das alianças familiares, tendo como ideal o bem das relações, visando um sistema de trocas sobrepondo qualquer manifestação de amor ou prazer. Apesar dos ideais antônimos quando comparados com a união dos casais contemporâneos ocidentais, existem traços da Antiguidade muito latentes nas cerimônias:

O casamento romano é, frequentemente e com justiça, um aspecto evocado para ilustrar a sobrevivência da Antiguidade nos rituais sociais dos nossos dias: anel de noivado, véu da noiva, coroas de flores, união das mãos direitas dos nubentes, cortejo nupcial, banquete, o elevar da noiva sobre a soleira da nova casa [...] Gestos e objetos que perduram desde a Antiguidade e que permanecem como sua marca indelével no mundo hodierno. (DIAS, 2004, p. 99)

Além de itens decorativos, gestos e inclusive parte do figurino são encontrados até os dias de hoje nas cerimônias. Em “A Cidade Antiga”, Fustel de Coulanges menciona as vestes da noiva para sua ida a sua nova morada, simbolizando o segundo ato da cerimônia de casamento da Grécia Antiga, conhecida como Pompé:

A jovem comumente, é colocada no carro, o rosto coberto com um véu, e à cabeça leva uma coroa. O uso da coroa, como veremos muitas vezes, era um costume observado em todas as cerimônias do culto. Os vestidos são brancos. O branco era a cor dos vestidos em todos os atos religiosos. (COULANGES, 1956, p. 33)

Apesar de todas estas semelhanças, somente na Idade Moderna o casamento foi atrelado ao ideal de amor e companheirismo como seu fundamento. Segundo Araújo (2002) foi na Inglaterra onde surgiu um modelo de casamento que trouxe tais premissas, o Estudo de Malthus, apresentou uma visão inovadora para a época defendendo a igualdade das relações entre marido e mulher, retirando a procriação como objetivo principal e valorizando a amizade entre o casal, se tornando assim o refúgio das destemperes individualistas e competitivas em que se encontram pelo mundo. Assim, o ritual foi sofrendo alterações que se enquadrassem com os aspectos culturais e econômicos de cada lugar, e permitindo que a imagem da mulher de submissa passasse a ser

a protagonista desta dramaturgia. Sendo seu figurino o item chave para a representação de todo este ritual.

1.1 A festa e o papel da noiva

Ao se aprofundar nas origens sobre os ritos da união entre casais é identificado que a cerimônia transmite, em sua maioria, um ar de submissão para a mulher ratificando o papel de fragilidade e dependência. Brandão (1999, p.222) ao estudar as mitologias gregas explica que há uma distinção etimológica sobre o verbo casar para os sexos:

[...] "noiva" é a que se cobre com um véu. Em latim, também já se disse, o v. casar se expressa diferentemente para o homem e para a mulher. Em relação àquele, "casar", é *ducere uxorem*, literalmente, "conduzir a mulher (para casa), comandar", um como que "apossar-se da mulher"; para esta "casar" é *nubere*, "cobrir-se com um véu", velar-se, recolher-se, ocultar-se. (BRANDÃO, 1999, p. 222)

A imagem feminina foi atrelada a um sinônimo de posse, silenciamento e servidão. Mas, gradativamente foi sendo desfeita esta aura subserviente da noiva, e permitido que esta não se tornasse apenas uma coadjuvante neste cenário, mas sim a principal gerenciadora da festa matrimonial. Por conseguinte, atualmente ganha um espaço e uma representação maiores dentro de toda a realização desta cerimônia, com o intuito de materializar suas expectativas e sonhos, pensando minuciosamente em cada detalhe para que este evento marque este rito de passagem tanto na percepção de seus convidados quanto na vida dos protagonistas desta narrativa. Sendo o luxo e o requinte grandes compositores deste acontecimento.

No artigo "O Ritual de Casamento como Consumo Simbólico: Os Símbolos da Festa para as Noivas" (VERA; GOSLING; MACEDO, 2012) é realizada uma pesquisa qualitativa embasada em entrevistas com nove noivas acerca dos seus entendimentos sobre os significados do ritual do casamento e as influências que sofrem nas escolhas de suas decisões sobre a comemoração.

Neste estudo é elucidada a responsabilidade da figura feminina dos tempos atuais e como suas escolhas são as grandes diretrizes de toda a cerimônia:

Percebe-se que as escolhas de consumo das noivas estão atreladas à importância dada historicamente e socialmente à festa de casamento enquanto rito de passagem assim como seus elementos de consumo (vestido de noiva, flores, anel, banquete, etc.), ao desejo de reforçar laços interpessoais (com a família e amigos) e à necessidade de comunicar aspectos de identidade. Nesse ponto, conclui-se que há um diálogo entre elementos construídos historicamente acerca do ritual do casamento e influências contemporâneas nas definições das noivas no que tange a tudo que permeia esta celebração. (VERA; GOSLING; MACEDO, 2012, p. 1231)

Ritualísticas que antes eram premeditadas pelos familiares, hoje passam pelo crivo da noiva, enaltecendo ainda mais seu papel de gerenciadora do evento e sua personagem principal. Esta identidade é tão forte que seu figurino é o grande caracterizador de toda a cerimônia. Segundo Santos (2009) é a figura mais privilegiada de todo o casamento, onde existe uma mulher antes da cerimônia e a outra, a nubente, sendo esta preparada para que durante a ritualística sua imagem possa ser eternizada. Mediante a uma série de técnicas, a sensibilização e a delicadeza da representação feminina são enaltecidas valorizando uma aura doce e pura nas fotografias durante a cerimônia e até, nos ensaios chamados *Pré-Weddings*. Este entendimento sobre a representação do casamento e a ligação da imagem da noiva é discorrido por Santos (2009, p.141):

Em relação ao noivo, observa-se que não há vestimenta especial, ou símbolos específicos [...]. Porém, se a noiva fosse substituída por uma mulher em trajes comuns, a foto perderia o sentido. Quer dizer, a imagem do noivo subordina-se à da noiva. É esta que, com toda a sua carga simbólica, funciona como eixo central do casamento.

Sendo assim, há uma conexão clara do ritual com a imagem da noiva, a qual é o seu figurino que atrai todos os olhares do evento e o vestido é a peça que foi confeccionada com o intuito de materializar seus desejos e enaltecer a beleza de seus traços corporais, emitindo o maior peso visual de todo seu traje e o mais aguardado de toda cerimônia.

1.2 A simbologia do figurino

E perguntou ao servo: “Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?”

“É, meu senhor”, respondeu o servo. Então ela se cobriu com o véu.

Depois o servo contou a Isaque tudo que havia feito.

Isaque levou Rebeca para a tenda de sua mãe, Sara; fez dela sua mulher, e a amou; assim Isaque foi consolado após a morte de sua mãe. (GÊNESIS, cap. 24, versículo 65-67)

Neste trecho da Bíblia Sagrada é narrado um casamento entre Isaque e Rebeca, realizado em anos antes de Cristo, localizado geograficamente em cidades que correspondem ao Oriente Médio atualmente, e é percebido um elemento que permeia até os dias de hoje no figurino das noivas ocidentais, o véu. Apesar de ser um elemento característico da indumentária da região, o ato de se cobrir para o encontro do noivo é um gesto que percorreu fronteiras e foi também realizado pelos gregos e romanos na Antiguidade. Como dito anteriormente, este símbolo já fazia parte da ritualística há muito tempo, assim como o uso do branco e do vestido. Por isso, é difícil identificar o primeiro figurino legítimo de uma noiva, mas podem ser citados personagens importantíssimos na disseminação deste símbolo icônico para os matrimônios.

Segundo Coulanges (1956) o branco era utilizado em todos os atos religiosos pelo povo grego, cor também utilizada nas cerimônias matrimoniais romanas. As noivas utilizavam de uma túnica branca, em sua cabeça faziam uso de um véu de linho finíssimo de coloração amarelada ou vermelha, imitando uma flama, e cabelos trançados com uma coroa de flores de verbena, simbolizando a fertilidade feminina (FERRAZ, 2015). Porém, ao longo dos anos, a questão de cores quanto ao vestido é variável de acordo com a época na Europa, já que o ponto de maior importância no traje era o luxo, afinal, o casamento era fruto de alianças políticas e comerciais (Canal História e Tu, 2020)

Figura 1 - Apresentação do imperador Frederico III à infanta D. Leonor pelo bispo Ennea Silvo Piccolomini.



Fonte: Wikimedia Commons, 2015.

Segundo Mitidieri (2008) na Idade Média o uso do vermelho, muito comum nos trajes festivos e luxuosos, fora também utilizado pelas noivas de maneira frequente, sendo talvez a uma analogia com a coloração púrpura romana.

Segundo Mitidieri (2008), a veste nupcial ganhou a cor preta no final do Renascimento, influenciada pela Corte Católica Espanhola, tendo o intuito de transmitir a religiosidade da noiva. Conforme o Canal História e Tu (2020), o branco foi utilizado por uma mulher da realeza pela primeira vez em 1558, Mary Stuart, rainha da Escócia onde se casou na Catedral de Notre Dame com o rei da França Francisco II, utilizando como homenagem as cores do brasão de sua

família materna. Porém no século XVII, foi apresentada a princesa italiana Maria de Médicis realizou sua união em 1600 com o rei francês Henrique IV, mais uma noiva de branco, cor tida na época como a representação do luto. Apesar de seguir o catolicismo não compartilhava da estética imposta da época, fazendo uso em sua cerimônia de um vestido brocado branco com decote quadrado, causando grande burburinho ao clero (MITIDIERI,2008). Seu figurino alvo ao olhar do pintor renascentista Michelângelo Buonarrote transmitia “o condor virginal da noiva”, ou seja, uma aura pura, inocente, cândida, características de uma nubente de apenas 14 anos de idade (MITIDIERI,2008).

Figura 2 – O Casamento de Maria de Médicis



Fonte: Guia de Florença, 2019.

Ao longo dos tempos foram acrescentados elementos ao figurino da noiva que transmitiam ideais sobre seu aspecto de vida, a situação financeira de seu companheiro além do status social e sua índole religiosa. Sendo em 1708, na coroação do rei francês Napoleão Bonaparte, o marco da popularização do branco na sociedade, onde foram confeccionados trajes bordados com fios de ouro para o rei e sua esposa, marcando não apenas com o seu título, mas também a oficialização da união do casal (BRASIL ESCOLA, 2022).

Apesar de todas estas figuras emblemáticas no repertório do vestido de noiva, a personagem que trouxe o toque do romantismo e inseriu de vez o branco ao vestido foi a Rainha Vitória, da Inglaterra, trazendo novas estruturas e ideologias ao cenário do matrimônio. Discorre Mitidieri (2008, p.3):

Ela já o conhecia e se apaixonara por ele quando, em 1837, ele visitara a Inglaterra. Vitória casa-se por amor sem envolvimento das cortes em relação às uniões formais entre a realeza e a nobreza. Vitória usou um véu branco, fato também incomum às rainhas que se casavam somente com a coroa da família e ela usou uma grinalda de flores de laranjeira.

Figura 3 – Casamento da Rainha Vitória e Albert por George Hayter (1842)



Fonte: História da Moda, 2014.

A rainha apresentou sua força feminina a partir do seu poder de decisão em realizar uma escolha baseada em seus sentimentos. Além disso, essa coragem também foi traduzida através da inserção de novos elementos ao

figurino de uma rainha. Suas roupas trabalhavam uma imagem de delicadeza, sensualidade e romantismo, além das colorações mais claras:

As britânicas usavam corpetes, camadas de anáguas ou crinolina, que foi adotada pela Rainha Vitória. Os vestidos poderiam chegar a pesar 15 quilos, porque eram confeccionados com muitos metros de tecido e ainda com acessórios. As cores das roupas eram claras. A silhueta tinha ombros mais estreitos e caídos, a cintura no lugar afinados pelos espartilhos pontudos na frente, usados com uma saia que tinha formato de sino. Os vestidos de noite eram decotados até os ombros e decorados em rendas, laços e babados. (BURRATO, p. 6, 2015)

E foi no século XIX, que o branco ganhou a ideia de luz e abundância e a flor de laranjeira, inaugurando seu uso no casamento da Rainha Vitória em 1840, representando o costume romano com a coroa de verbenas, que antes era a simbologia da fertilidade, agora trabalha a ideia de perpetuidade do matrimônio (MITIDIERI, 2008). Sendo assim:

Em 1854, o Papa Pio IX proclamou que as noivas deveriam demonstrar, através do traje branco, a Imaculada Conceição, assim como a Maria Imaculada (Mitidieri, p. 3, 2008)

Com o decorrer das décadas a inserção de elementos, gestos e até frases no repertório do matrimônio foram realizados perpetuando até os tempos atuais. Os modelos dos vestidos sofreram alterações com o passar dos anos se ajustando as silhuetas mais utilizadas naquele momento, mas sua cor em destaque, não deixou de ser, até então, o branco.

Todas as vestes mencionadas são características de uma classe de status social elevado, sendo estas as únicas que tinham o luxo de confeccionar seus vestidos de noivas. Segundo Mitidieri (2008), os tecidos eram tão caros e preciosos que podiam funcionar como uma espécie de moeda de troca, após sua confecção poderiam ser penhoradas assim como as joias. Deste modo, somente foram abordados personagens ícones na história da veste nupcial, que apresentam verdadeira pertinência para o estudo.

2. OS PREPARATIVOS

Como preparativos para esta investigação sobre a relação do vestido de noiva após o seu uso, foram realizadas entrevistas com quatro mulheres que se encontram em fases distintas do casamento (uma noiva, uma esposa casada a 7 anos, uma com 33 anos de matrimônio e outra divorciada) para uma compreensão mais aprofundada sobre a temática. Todas são nascidas e moradoras das zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro, possuindo idades entre 24 e 54 anos. Vale ressaltar que para a validação de seus depoimentos todas realizaram a leitura do Protocolo Ético¹. O roteiro foi confeccionado com perguntas que permitissem uma liberdade de suas respostas, possibilitando uma descrição sobre suas sensações, vivências e lembranças. Porém, algumas questões foram reservadas para as que passaram pelo processo do cerimonial.

O roteiro seguiu uma ordem de perguntas, que tinham a intenção de trabalhar o tema de forma macro, a visão do conceito do casamento de formato pessoal, e, com o decorrer da conversa, partir para um recorte mais objetivo, na tentativa de decifrar sobre a conexão da esposa com o vestido. Todos os questionamentos que serviram como direcionamento destas entrevistas tinham como base dois prismas distintos que nos orientam na relação íntima da noiva para com o vestuário, sendo estes:

- A) Visão pessoal com o vestido;
- B) Interferência externa quanto ao vestido.

A partir destes dois temas foram confeccionadas 14 perguntas inicialmente onde tinham o intuito de investigar o significado do vestido de noiva, como foi sua cerimônia de casamento e o que determinou a escolha do vestido. Sendo a partir da 10ª direcionadas às mulheres que tiveram cerimonial, ou seja, menos a noiva, que ainda se encontra no processo dos preparativos e não teria

¹ Protocolo Ético – documento redigido pelo próprio autor com o intuito de solicitar autorização para uso de imagens e repercussão das histórias. Ver anexo.

vivência suficiente para responder as perguntas propostas. Nelas foram abordadas se a sua percepção sobre o vestido foi algo que modificou no uso dele durante a cerimônia, se algo a incomodou durante o seu uso. Após a cerimônia o que foi feito com ele, se guardou, por que guardou e como o guarda? Caso não, houve algum arrependimento após ter se desvincilhado? O que fez com o vestido?

Ao identificar uma necessidade em se compreender quem se encontrava ao lado da noiva, e outras questões externas, de modo tal, que possam vir a interferir na sua relação com a peça de vestuário (B), foram confeccionadas apenas 3 perguntas que buscavam saber quem as acompanhou na escolha do vestido, se usariam o vestido que já pertenceu a outra pessoa sabendo que o casamento acabou e se a relação matrimonial tem algum tipo de conexão com a peça (sendo estas as perguntas 6, 9 e 14). Foram confeccionadas no intuito de que investigassem este tipo de vínculo e o quanto há de intervenção.

O restante das perguntas tem como enfoque a relação íntima da noiva com o seu vestido, permitindo que seja avaliado através da sua descrição dos fatos o quanto se propôs a dedicar a materialização desta peça e quanto de sentimento há envolvimento nesta ligação. Foram elas: O que significa para você o casamento? Como foi/ será a cerimônia? Como foi/ será a escolha do seu vestido? Você teve/ tem como referência quais tipos de modelos? A escolha do modelo teve algum motivo específico? Como foi o processo de desenvolvimento da sua roupa de casamento? Como foi a confecção/escolha/compra e a experimentação da peça? Qual o significado do vestido de noiva para você? No momento da escolha do vestido, você pensou sobre o que fazer com ele depois da cerimônia?

As entrevistas se sucederam de primeiro momento de forma virtual, para recolhimento de maiores informações e, em outro instante, no método presencial para gravação dos trechos que serão apresentados no produto de moda

desenvolvido através deste projeto. Serão divididas suas respostas e análises para melhor captação de seus perfis e relação íntima com a peça de vestuário.

2.1 A noiva

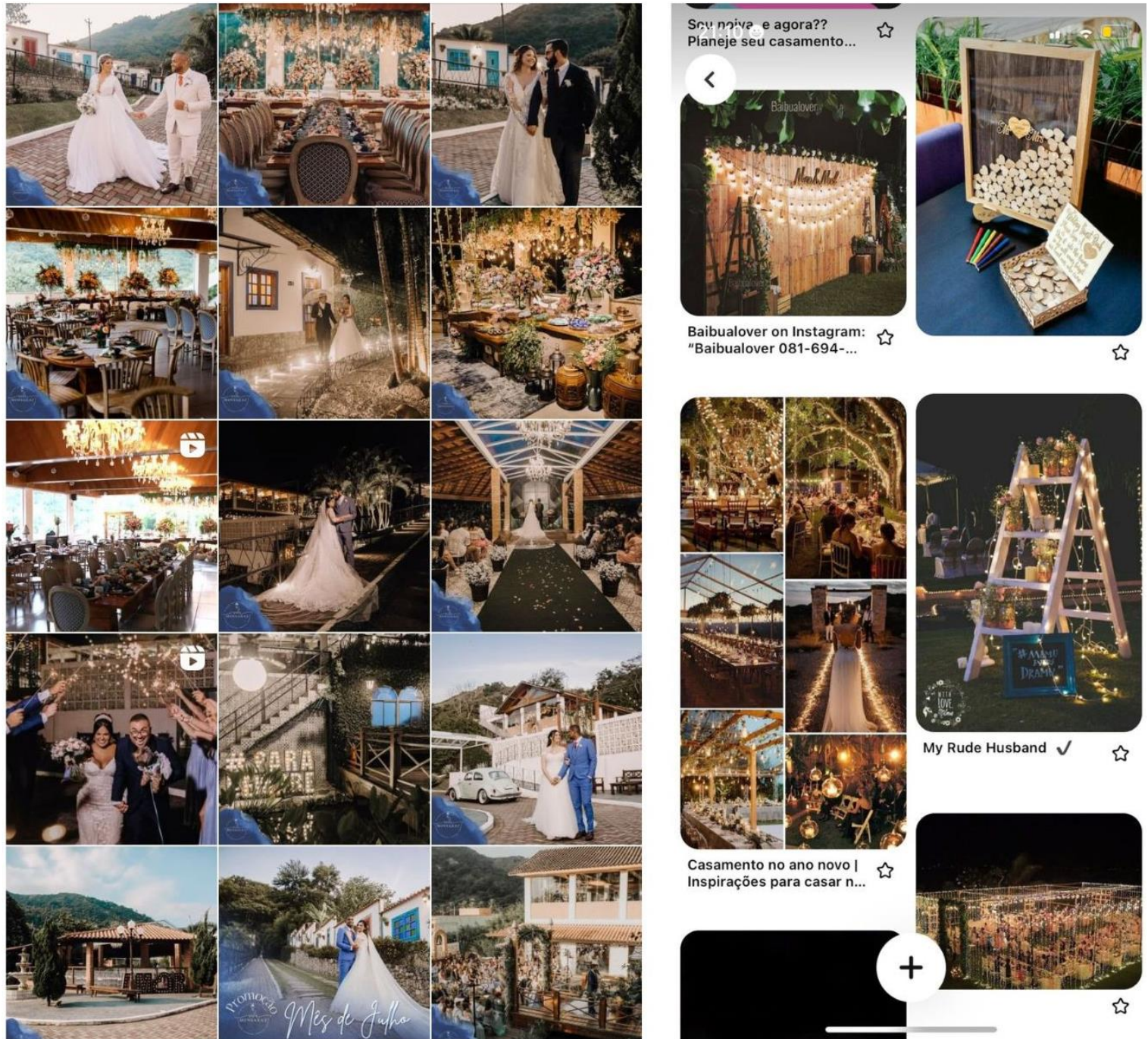
Buscando uma compreensão melhor sobre a relação do vestido de noiva e a mulher atualmente, foi identificada a necessidade de entender sobre o pensamento da nubente antes do casamento. Investigando como planeja seus preparativos, quais são suas as expectativas, seus desejos e entendimentos do momento que a aguarda captando a partir daí sua relação com a construção o vestido e o, até então, pouco pensado pós uso.

Na composição deste entendimento sobre como são as expectativas da noiva quanto aos preparativos da cerimônia, criação do vestido e um ensaio para uma vida a dois, Lívia Mercier de 24 anos foi a entrevistada. Moradora da zona Norte do Rio de Janeiro, é Gerente de Projetos e atualmente mora com seu noivo. Sua entrevista aconteceu ao lado de sua mãe, Joseli Mercier, que também é uma das interrogadas para este projeto. E o quesito tecnologia foi uma das peculiaridades que chamaram atenção neste diálogo.

Casar-se nos tempos atuais permite que Lívia possa imaginar seu casamento do jeito especial que deseja, aonde suas idealizações vêm de referenciais imagéticos trazidos de sites conhecidos por seu acervo de imagens, como o *Pinterest* ou redes sociais que trabalham com o compartilhamento de bancos de imagens pessoais, como o *Instagram* (Figura 4). Através deles, é possível gerar um cenário que se organiza desde a coloração do céu, já que deseja uma cerimônia a céu aberto, até a decoração e ornamentação do espaço:

Ainda não idealizei tudo mas imagino algumas coisas específicas que eu gostaria muito, queria música ao vivo, queria um lugar aberto com uma decoração um pouco mais rústica (Lívia Mercier).

Figura 4 – Painel com print de inspirações de decoração do cerimonial da noiva



Fonte: Acervo da entrevistada, 2022

Conforme foi apresentado na Figura 4, é perceptível que a busca de referenciais imagéticos é extremamente útil no suporte de ideias para a decoração e escolha do local da cerimônia. Assim, a noiva, além de assumir um papel de protagonista da noite, se torna gerenciadora da festa, assumindo a

decoração e o espaço físico como sua principal preocupação no momento. Até porque, sem a seleção do lugar e época do ano para realizar a cerimônia, surge uma dificuldade em relação a escolha do modelo de seu vestido, uma vez que tem como desejo que seu traje não lhe traga apenas beleza, mas também conforto. Porém, mesmo com o ar de indecisão, existem elementos que ela apresenta uma maior afeição e deseja em seu figurino para cerimônia:

E o meu vestido é a parte que eu incrivelmente ainda não defini, assim, do que eu imagino, eu imagino muita coisa diferente, eu sei que eu gosto muito, de renda, eu gosto de imaginar, aquela renda que por baixo é só a pele, os braços, mas assim, ainda pra mim é pouco incógnita como que vai ser (o vestido), qual é a imagem daquele vestido, que é o mais importante... O que vai definir muito a minha escolha vai ser a época do casamento. Porque se for no verão, eu sou muito, sinto muito calor, então se eu for casar no verão certamente eu não usaria a renda, no que eu imagino. Mas se for um pouco mais frio, a renda vai falar um pouco mais alto, então acho que vai me ajudar muito quando definir a data, saber qual vestido eu vou ficar mais inclinada a escolher. É uma coisa que dita muito do meu conforto (Lívia Mercier).

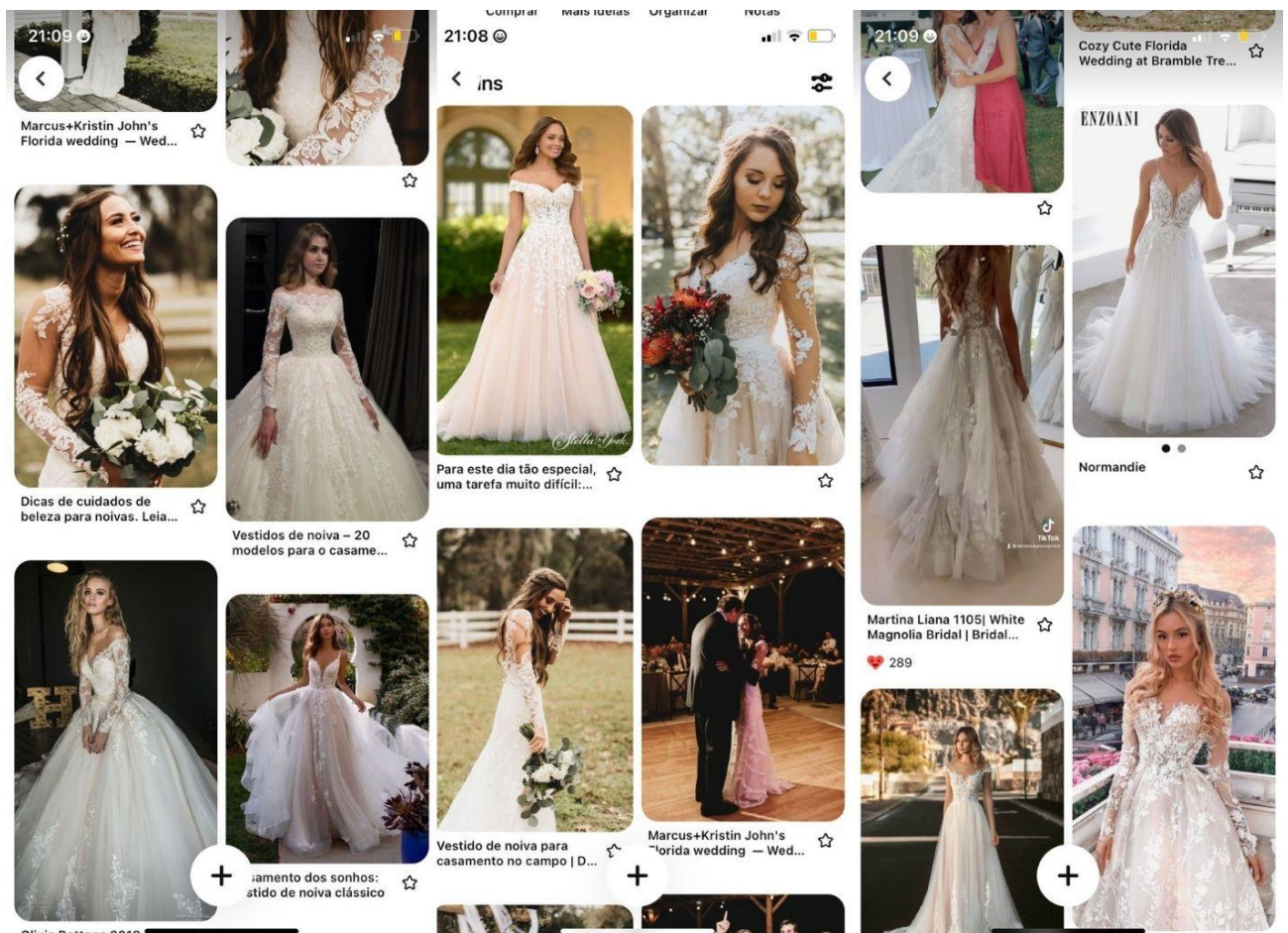
Segundo Burrato (2015) a Era Vitoriana foi um marco histórico para o rito de casamento apresentando componentes que permanecem vivos até os tempos atuais, como é o caso da renda. Remetendo ao modelo de romantismo constituído pelo traje da rainha, Lívia apresenta um cuidado com a escolha do seu vestido, um modelo onde valorize suas curvas e suavize as características que lhe incomodam, pautando a análise dissertada por Burrato (2015), sobre o cuidado demasiado com o corpo como um dos preparativos do casamento fazendo parte de um comportamento de vaidade corporal, onde enaltece assim uma imagem de perfeição perante a noiva.

Por mais que exista uma grande dúvida em suas escolhas, a qualidade do serviço prestado pelos sites de acervos de imagem auxilia para que a busca do vestido ideal seja feita de maneira mais assertiva. Criar pastas, salvar, compartilhar, são algumas das possibilidades que são executadas nestes aplicativos, permitindo uma organização e a expansão da informação pelo usuário (conforme exemplo em Figura 5). E seus algoritmos funcionam como filtros levando ao perfil do consumidor o tipo de produto visual que desejam ou

se assemelham, que, para o caso da noiva, tem sido útil até mesmo para selecionar modelos que tenham o mesmo biotipo físico que o seu:

Eu diria que nas minhas referências, buscas do Pinterest, né, eu procuro... Não que eu procure, mas eu geralmente salvo, me chama atenção, modelos que tenham o corpo que parece mais com o meu. Porque eu tenho o quadril mais largo então eu não fico à vontade com vestido que é aquele que modela muito o corpo, ou então que é muito justo ao corpo, eu queria uma saia que começasse a partir do quadril. E mesmo que ela não fosse muito bufante, eu não queria que ela fosse aquele tipo sereia, que modela o quadril e que sai no pé só, eu não gosto muito... Quando eu busco um modelo eu reparo se o corpo dela parece com o meu, o tom de pele parece com a minha, o cabelo (Lívia Mercier).

Figura 5 – Pannel com prints de pasta salva com inspirações de vestidos de noiva



Fonte: Acervo da entrevistada, 2022

Esta seleção de informações com maior similaridade em seus traços físicos, conforme a Figura 5 apresenta, permitem a Livia uma prévia, por mais que imaginária, daquilo que possa lhe valorizar mais, resultando numa busca mais objetiva pelo vestido, já que consegue identificar aquilo que mais lhe agrada, concedendo que estas referências visuais estejam a mão no momento que quiser, organizadas da forma que lhe agrada. Desde o tecido que tenha a textura que deseja até o modelo que diminua aquilo que mais lhe incomoda em seu corpo.

Todo este cuidado quanto a sua vestimenta é na intenção de trazer a imagem da perfeição estética o mais próximo possível da nubente, validando a fala de Santos (2009) ao mencionar que na fotografia de casamento a noiva passa por um tipo de transformação visual, enaltecendo que existe uma mulher preparada para a cerimônia, e durante a ritualística, sua imagem será eternizada. O momento do rito se torna único, e é o vestido que transfere essa autoridade visual, o figurino que permite que a mulher seja a dona da festa. Este peso imagético é compreendido por todos ao seu redor. E são os registros fotográficos que ratificam a autenticidade deste momento e a sua importância:

Então ele (o vestido de noiva) é o que vai assim me tornar a noiva naquele momento, me tornar a imagem de noiva que eu vou ser quando tiver nesse marco mais importante na minha vida. Então, eu imagino que... Nossa, é difícil responder isso, ainda mais para quem ainda não casou. Mas eu imagino que ele vai ser o que vai me fazer eu me sentir a noiva que eu quero ser naquele momento, sabe?! Pra mim, meu noivo, pros demais que estiverem lá assistindo, ele vai fazer essa imagem de noiva que eu tenho na minha cabeça pra aquele momento que é aquele ponto chave (Livia Mercier).

Todo o simbolismo e peso emocional que o vestido carrega traz uma grande dificuldade em conjecturar, de primeiro momento, sobre o que fazer com ele após o cerimonial. E Livia apresenta um impasse ao identificar uma afetividade com objetos materiais:

(Eu) Nunca tinha pensado nisso antes, mas depois que eu vi a minha mãe passar pelo processo de decidir o que fazer com o dela, de “há vou doar, não vou”, que a gente se mudou e trouxe o vestido. Eu fiquei vendo, eu... Comecei a pensar o que faria com o meu, né?! Eu nunca

cheguei numa conclusão, na verdade, não sei se eu vou querer doar, se eu vou querer dar, tipo, pra fazer, é... Pra reutilizar de alguma outra forma, ou se eu vou querer guardar para mim. Porque tem algumas coisas que... Algumas coisas materiais que eu tenho um apego, sabe? Algumas coisas marcantes de certos momentos, então eu realmente não sei se é uma coisa que eu vou querer guardar pra sempre ou guardar por alguns anos e fazer uma doação ou passar para a minha filha, eu ainda não decidi o que fazer (Livia Mercier).

Identificando este apego material por parte da entrevistada, é possível notar uma relação forte com o objeto e sua memória viva. O vestido durante o cerimonial, cumpre seu papel e sua função, sendo esta transmitir a antiga noiva o poder e autoridade de dona da festa, tornando-a mulher mais bela e importante daquela noite, a mais nova casada, acompanhando sua nubente para um momento de transitoriedade de status. E minutos após a festa, sua função finaliza, apresentando um ciclo curto de apenas algumas horas, que serão eternizadas nos registros fotográficos, restando deste momento apenas o tecido. Mediante a esta memória entranhada em suas tramas é possível identificar o que Stalybrass (2008) menciona em seu livro *O Casaco de Marx* sobre a memória e as roupas:

Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo. As roupas recebem a marca humana. As jóias duram mais que as roupas e também podem nos comover. Mas embora elas tenham uma história, elas resistem à história de nossos corpos. (STALYBRASS, 2008, p.11).

Sendo assim, o vestido de noiva tem seu poder findado ao finalizar o cerimonial, permitindo que a memória é o apanhado vivo que mantém sua funcionalidade apenas em recordação. Após o rito, ele é apenas uma peça, que nunca mais será usado por aquela mulher.

2.2 Celebrando bodas: Bodas de Latão

Segundo alguns sites de confecção de linhas de alianças voltadas para o casamento, há em sua página virtual uma tabela referente aos nomes de cada

comemoração anual, sendo a deste capítulo os nomes das bodas representantes a 7 anos. E com o intuito de entender sobre a visão do casamento por alguém que selou há pouco tempo este cerimonial e, observar sua visão mais amadurecida sobre seu processo de criação do vestido, seu envolvimento com os preparativos e investigar como foi/é a sua relação com o traje após seu uso, foi entrevistada Letícia Cardinali de 35 anos, terapeuta holística e moradora da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sua relação com a vestimenta do matrimônio foi um marco em sua vida e apresenta um ritual para o seu armazenamento, com muito amor e zelo.

Ao decifrar o entendimento dessa transitoriedade social e captar a intensidade psicológica e emocional que determinadas ritualísticas exigem, Rook (2007, pag. 83) descreve:

Os grandes ritos de passagem, como formaturas e casamentos, marcam importantes transições de status social e estimulam grande envolvimento psicológico e forte ansiedade.

Ao valer-se desta compreensão, é possível notar uma similaridade sobre o entendimento da entrevistada quanto a sua cerimônia ao apontar como um ritual de transição, onde ela desapega de todas suas características de adolescente e se prepara para a mulher que deseja ser, mostrando que esta mudança de status não só se categoriza pela parte social, mas também, pela evolução de sua personalidade:

Foi como se eu estivesse saindo literalmente da fase de adolescência, de festas, baladas e tudo mais, né. Sem compromisso, sem responsabilidades, é como se eu estivesse migrando deste ciclo da vida para um ciclo mais responsável, mais sereno, mais pacífico, mais centrado. Então é como se no dia do casamento tudo caísse, assim, as fichas caíssem. E eu tinha 28 anos, né, então eu estava, assim, no auge de curtir, de festejar, enfim, de viver a vida, né. Mas caiu uma ficha bem grande na hora que estava esperando para entrar na cerimônia. Falei “Nossa eu estou me comprometendo, me responsabilizando com outro ser humano e isso é muito sério” (Letícia Cardinali).

Quanto ao momento de seleção do vestido ideal, foi um processo permeado de opiniões externas, em específicos das vendedoras de lojas de

noivas, já que sua escolha foi a compra de um traje já confeccionado e fazer pequenas alterações. Devido ao seu biótipo eram oferecidas peças que mais lhe valorizassem, sendo muitas das vezes apresentado o modelo sereia. Porém, foi a silhueta em A que cativou a idealização da mulher que ela gostaria de se tornar, onde projetou no vestido a expressão de postura, feminilidade e seriedade que gostaria de passar aos seus convidados e a sua futura “eu”:

A escolha do meu vestido foi algo assim muito... foi conexão, na verdade, eu acho que foi ele que me escolheu. Porque eu já tinha experimentado alguns vestidos antes desse que eu escolhi né...e (e outros vestidos despertavam um) vazio, um sentimento de não é esse. Eu acho que o vestido, é a roupagem que a gente se prepara para este novo ciclo de responsabilidade. Acho que o vestido tem que correlacionar com essa nova fase da vida, não dá para ser um vestido... Pelo menos é o que eu pensava na época, não dá para ser um vestido que espelhasse o meu ciclo que eu tava saindo, o meu ciclo antigo. Tinha que ser um vestido que espelhasse o futuro. Era o que eu queria ser, e não que eu era, o que eu tava deixando de ser. Então todos os vestidos que eu estava vestindo era exatamente isso assim, sereia, que era exatamente a forma que eu me vestia, tudo mais colado, tudo mais decotado, sempre sereia, nunca tava feliz em vestir esse tipo de vestido. Até que, eu fui numa loja no centro da cidade, e ele me apresentou o... evasê? Evasê o nome? Que é um A, que ele é um (modelo) sereia, mas só que ele é mais aberto, não fica tão colado no corpo. E ali eu senti a conexão na hora. É colado como eu gosto, mas não é tão colado[...]. (Letícia Cardinali).

O traje matrimonial da entrevistada apresenta uma silhueta A, detalhamento das costas e busto com tule cor da pele, abotoamento forrado com cetim, decote aprofundado e uso de bordados (conforme apresentado na Figura 6).

Figura 6 – Vestido de noiva de Letícia



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Mediante a Figura 6 é possível perceber que sua peça é um modelo que transmite a delicadeza, sensualidade e feminilidade sem o desenho muito proeminente do corpo, de alças grossas, e uma saia numa modelagem mais seca, além da apresentação de outros elementos que a configuram como uma noiva romântica e atual. Ao ser questionada sobre o seu processo de desenvolvimento, ao lembrar do seu vestuário e na confecção de itens a serem acrescentados a sua peça, Letícia realiza um levantamento importante para este estudo ao apresentar o que sentiu no momento que idealizava o vestido e o poder que esta peça de vestuário podia transmitir tanto para os convidados quanto a si própria:

E tinha muito brilho, porque eu queria uma coisa com brilho, até porque a gente tem essa crença. A mulher tem muita essa crença de que no casamento ela tem que brilhar, tem que aparecer. Então mesmo que você não tenha essa atitude, ou essa posição social no seu dia a dia, no seu casamento é como se você quisesse deixar a timidez, a insegurança, tudo de lado e expressar isso no seu vestido através do brilho... Você deixa a timidez, a insegurança, o julgamento, o que as pessoas vão falar e você vai lá e taca um brilho por conta dessa crença coletiva que é “meu dia”, eu mereço, eu posso, eu consigo, eu realizo. O vestido de noiva te traz um empoderamento, você se sente muito mais segura, mais autêntica, mais verdadeira com você mesma, como se tirasse algumas máscaras, né... Então eu realmente trouxe pro vestido todo este pensamento, todas as minhas crenças de mim mesma para o futuro (Letícia Cardinali).

É possível perceber em sua afirmativa a apresentação de uma relação psicológica e emocional onde o vestuário é possível de materializar, podendo realizar uma modificação em sua personalidade, validando afirmações, valores e até mesmo intenções que deseja ser, libertando uma identidade até então não conhecida pelos demais ao seu redor. Apresentando um método semelhante ao processo criativo de um vestuário para uma personagem. Sendo assim, identificando o ritual do matrimônio como o cenário onde a noiva utiliza seu vestido como o figurino central deste teatro da vida real, Marcos Marinho (2016) em seu documentário “Palco e Pano – O Figurino no Teatro” menciona a importância da indumentária e, na qual esta dialoga com o cenário, com a luz e

o figurinista analisa através de uma anamnese como os intérpretes serão apresentados através do espetáculo e assim, escolher quais os materiais a serem utilizados, como serão disponibilizados e o que aquilo simboliza para representar o personagem. Partindo deste princípio é possível perceber uma similaridade em ambos os procedimentos, tanto o de Letícia quanto o de um figurinista, são selecionados elementos que valorizem e identifiquem ao ator (ou no caso, a própria noiva) o que realizar em cena.

Apesar de todo o laço afetivo com este bem material que foi confeccionado emocionalmente e psicologicamente pela própria entrevistada, houve a esperança de venda da peça após o seu cerimonial. Porém, a dificuldade que se deparou neste processo de encontrar uma outra noiva que se interessasse no vestido, foi abordado pela própria que conjecturou uma possibilidade, dentro de suas crenças, para a falha desta descoberta para a próxima dona do traje:

Como eu comprei, era meu, eu quis revender. Mas eu não sei se por moda ou identificação mesmo das mulheres que vieram até mim, não consegui vender. Tentei alugar, aí também não deu certo, não foi pra frente, e o vestido ficou dentro do armário parado até hoje. Acho que é isso também, né, quando você coloca tanta energia em um vestido só como eu coloquei, que pra mim foi muito significativo, a outra não necessariamente vai se sentir reconhecida ali. (Letícia Cardinali)

Ao entender toda esta relação criada, por mais que seja através da compra de um modelo já pronto, seu processo após a finalização do cerimonial foi tão simbólico quanto sua representação para a entrevistada:

Primeiro que é o armário da minha avó, que pra mim simboliza essa casa, botei ele dentro da minha casa, da minha infância. Então é como se ele tivesse realmente entrado no lugar de uma outra Letícia. É como se eu tivesse selado o vestido dentro do armário da minha infância, e aí ele tá lá num lugar especial isolado dentro desse armário que pra mim significa muito esse armário, fez muita parte da minha infância. Muito mesmo. É como se fosse um jazigo, né... (Letícia Cardinali)

A entrevistada relata acima sobre o ato simbólico que foi o guardar desta peça, e como que o local onde foi guardado foi tão representativo para sua vida, se mostrando como, literalmente, um momento histórico em sua trajetória. Este

movimento tão emblemático lhe proporcionou, por mais que apenas psicologicamente e emocionalmente, o momento de se desfazer de sua adolescência, deixando ali apenas a memória da sua antiga personalidade, para então iniciar o projeto da mulher que estava se tornando. Tudo isso, massificado em primeira instância na mensagem que seu vestido pode promover tanto para si, quanto para todos os seus convidados e, até mesmo, o noivo. Guardar o vestido fez dali o santuário de sua infância, de suas memórias adolescentes, permitindo agora viver a liberdade que tanto almejou.

Porém, ao entender que este momento ficou no passado, houve-se a necessidade de se desfazer desse “jazigo”, como mencionado por Letícia. Sendo doado para o presente estudo, onde será utilizado para a abordagem visual do produto de moda desenvolvido.

2.3 Celebrando bodas: Bodas de Crizo

Em busca de um entendimento ainda mais maduro e com um olhar mais distante da cerimônia, procurando identificar se com o decorrer do tempo possa ainda existir algum tipo de laço afetivo remanescente com o vestido, foi entrevistada Regina Fernandes de 54 anos, professora, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro. As bodas de Crizo, segundo sites de confecção de alianças matrimoniais, utilizado como referência neste estudo para a nomenclatura dos anos de matrimônio, corresponde como o selamento do casamento há 33 anos. E nesta época os referenciais para inspiração da confecção do modelo do vestido ideal e os tipos de cerimoniais eram feitos de outra forma e tinham uma outra conotação.

A entrevistada inicia contextualizando o diálogo sobre o momento que o seu casamento foi realizado, confrontando uma questão política que o Brasil vivia

na época, o Plano Collor², do qual, foi categórica para a simplicidade da ritualística que foi promovida para selar sua união com o seu atual esposo.

A minha cerimônia foi só na igreja, porque eu casei em 1990, logo depois do Plano Collor, foi aquele caos, e ninguém mais tinha dinheiro. O dinheiro todo ficou preso e o que o meu pai conseguiu tirar, sacar de dinheiro da poupança era, por exemplo, o que o fotógrafo pediu pro preço dele para fazer as fotos do casamento, pra você ter uma noção. E no mesmo dia tinha um outro casamento, o meu foi de manhã, né, 10 horas da manhã e mais tarde teria outro, que foi cancelado, por conta disso. Aí a ornamentação da igreja nós íamos dividir, eu e a outra noiva, né... O que não rolou. Aí foi só aquela cerimônia mesmo na igreja, onde a gente participava do grupo jovem lá, né...E um bolo, um refrigerante no salão ao lado, da própria igreja. Então terminou a cerimônia, fomos pro salão, só praquela coisa de cumprimentos e o bolo. (Regina Fernandes).

Regina relata que seu casamento ter ocorrido na igreja por seu vínculo ao grupo jovem do qual participava junto com seu noivo, Regina exemplifica uma citação de McCracken (2007), sobre a materialização da cultura, logo assim, também dos ritos que a compõe:

Os indivíduos representam continuamente distinções categóricas, de tal modo que o mundo que criam seja condizente com o que imaginam. Num certo sentido, os membros de uma cultura estão constantemente engajados na construção – constituição – do mundo em que vivem (MCCRACKEN, 2007, p.102)

A partir deste entendimento, é possível perceber no cerimonial de Regina como um processo de ratificação de seu grupo pertencente, autenticando através do rito, não apenas o seu momento de transitoriedade de status social, mas também de pertencimento àquela cultura. Este processo é tão intrínseco que, apesar de todas as dificuldades financeiras que o momento apresentava, a realização do rito no local tradicionalmente relevante a seus afins se tornou indispensável.

Seu processo criativo, diferentemente do de Lívia se absteve apenas em buscas de imagens de vestidos nas revistas de Noivas, onde encontrou o traje

² Plano Collor - Conjunto de tentativas de contenção inflacionária e estabilização econômica efetuado no governo de Fernando Collor de Melo, sob os nomes de Plano Collor e Plano Collor II. (Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/plano-collor>)

ideal. Este método mantém a nubente mais necessitada da visão da costureira por não conseguir enxergar de uma forma mais clara as imagens, (afinal as fotografias de revistas não permitem uma visualização mais detalhada do produto). Sendo esta, a grande responsável por todo o olhar criterioso que através de uma imagem chapada identificará e selecionará todos os tecidos e aviamentos ideais para reproduzir com o mesmo caimento, mesmo material e mesmo brilho a roupa desejada. Além disso, não há a preocupação da escolha de modelos que venham a valorizar silhuetas ou diminuir imperfeições que incomodem a entrevistada, as escolhas dos modelos são definidas apenas pelo olhar singelo e delicado do observar, admirar e se identificar:

Se eu não me engano eu comprei algumas revistas e fui procurando... Também eu desconheço, eu acho que não existia sites, essas coisas que hoje em dia tem. Eu também não tinha esse acesso todo a mídia, né, Internet. Não era assim essa facilidade que hoje a gente tem hoje. Então era revista mesmo ou ir à loja. Então eu consegui uma costureira, que foi identificada por uma amiga minha e comecei a buscar modelos por revistas. Achei um e fui até ela... Eu já gostei de cara do modelo. Ele é curto, começando por aí, porque como eu casei de manhã, então eu não queria ir com vestido longo, com véu longo, eu casei com chapéu! E um vestido curto. Aí então, a costureira não tava acostumada a fazer, né, aquilo, tanto que ela ficou com a folha da revista, ela ficou! Ela não devolveu, arrancou e ficou pra ela. E ela foi dizendo ali, de acordo com a foto, os tecidos, o tipo de tecido e pra mim tava tudo tranquilo e dali eu parti com a minha mãe para comprar tudo. Eu não fazia ideia de nomes de tecido, de nada daquilo, e aí ela foi me explicando “ó aqui é assim, esse aqui é outra coisa, aqui tem um bordado, aqui tem uma aplicação” e aí, eu fui entendendo e consegui visualizar tudo aquilo que ela tava me explicando e foi o que aconteceu. (Regina Fernandes).

É possível perceber uma funcionalidade na escolha de elementos que fogem do cotidiano do mundo das noivas, como o uso do chapéu e o comprimento mais curto da saia. Como apresentado na Figura 7, é possível perceber que o modelo apresenta uma mescla de estilos que já são conhecidos como as mangas bufantes remetendo um ar romântico, juntamente com os bordados e os tecidos ao entorno dos quadris, que entram em contraste com componente inovador de todo o traje, o chapéu, que transmite um jeito mais jovial e autêntico condizente com a entrevistada, que na época tinha 25 anos. O véu foi substituído pelo adereço de cabeça, porém, para utilizar da mesma fluidez

que este elemento transmite ao traje, foi adicionado um tule branco para fazer um laçarote na parte de trás, ilustrado na Figura 7. Apesar de toda esta objetividade, Regina revela que a busca pelo modelo que mais lhe agradasse foi muito incentivada pela sua mãe, que apresentou uma condição muito restrita em sua época para a escolha de sua roupa de casamento. E por isso incentivou sua filha para que seu figurino seja o mais especial possível, como da mesma forma hoje incentiva sua neta, Mariana:

A minha mãe tinha falado que podia ter qualquer restrição, sacrifício e tal. Mas eu ia casar com um vestido que eu escolhesse, porque ela é meio frustrada com relação a isso, né, porque na época dela as dificuldades eram infinitamente maiores do que na época que eu casei. Então o que ela me falava era sempre isso, que eu ia me casar com um vestido que eu escolhesse... Porque pra mim não tinha tanta importância, e sim, você não vai pegar um vestido qualquer, que você não goste, que não se sinta bem. Mas pra ela, foi muito mais importante esse momento (Regina Fernandes).

Figura 7 – Vestido de noiva de Regina



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Mediante a apresentação da Figura 7 é possível analisar que por mais que modelo apresente componentes inovadores, como o comprimento da saia e o chapéu, houve um cuidado para que ele não se tornasse uma vestimenta inapropriada para um casamento à igreja. Onde até mesmo o decote em V, não a deixasse desconfortável.

Após o casamento, Regina confidencia sobre uma ressignificação que seu vestido passou. Por justamente ser um modelo que não apresentava uma cauda muito longa, o que propiciou uma nova funcionalidade para esse produto, usado uma outra vez, e não por uma noiva, mas sim, por uma debutante onde foram atribuídos novos elementos, desta vez com cor para vincular com a decoração da festa:

E esse vestido foi emprestado depois pra sobrinha do Zé Otávio, né, de 15 anos. Pro aniversário de 15 anos, aí ela usou o meu vestido. Mas aí a minha sogra trocou as florezinhas, os detalhes... era todo branco, minha sogra colocou lilás pra ela (Regina Fernandes).

Não foi possível acesso ao material fotográfico desta comemoração para elucidação das modificações trazidas ao vestido devido à falta de contato atualmente a alguns destes familiares. Mas, após o uso para o aniversário da debutante foram retiradas as flores coloridas, recolocadas as brancas originais e ficou, desde então, guardado. Ao ser questionada pelo motivo do qual o guardou, Regina diz “era meu, era meu. Como você compra um vestido, manda fazer um vestido assim, ele é teu, né. Eu só sabia que eu não ia usar mais”. E conclui afirmando que o guarda até hoje em cima de seu armário, ao lado de outros tantos utensílios, reafirmando sua não atribuição de simbolismos aos objetos como dito anteriormente.

2.4 Encerrando ciclos

Muitos casamentos terminam, histórias de amor podem perdurar durante anos e mais anos, porém hoje, com a oportunidade do divórcio, muitos casais que não mais comungam dos mesmos ideais têm a decisão da separação. E

quando existe esta etapa no casamento, a grande curiosidade que fica é como a mulher lida com o vestido de noiva, quais são suas lembranças e qual o peso desta peça em sua vida neste momento que ela se encontra. Para o entendimento sobre esta relação pós casamento foi entrevistada Joseli Mercier de 53 anos, engenheira e advogada, moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, e mãe da noiva entrevistada Lívia Mercier.

Ao ser questionada sobre o que é o casamento, Joseli inicia a entrevista mencionando, com um olhar carinhoso, sua visão quando mais nova sobre o matrimônio, e como foi este foi um divisor de águas em sua trajetória, apesar da separação:

O casamento pra mim foi um marco na minha vida, eu era... Eu era daquelas que sempre sonhei em casar e ter filhos. Um marco na minha vida, nunca mais fui a mesma. Foi bom demais, eu recomendo pra todo mundo. Infelizmente chegou um momento que terminou. Foi melhor ter terminado que ter continuado como estava embora não fosse o meu sonho. Fui daquelas que casei mesmo pensando que seria pra vida toda mas meu casamento foi maravilhoso (Joseli Mercier)

Joseli relata ao se recordar da cerimônia, com um olhar saudosista as memórias do grande dia, a enorme parceria que sua mãe prestou para a realização do ritual do casamento, assumindo assim, a responsabilidade de gerenciadora da festa. Já que, por conta do trabalho e falta de prática com organização de eventos, a entrevistada não tinha entendimento sobre como estruturar sua própria festa. Além desta dificuldade, o valor desembolsado era pouco, limitando alguns desejos que tinha, tanto para seu vestido quanto para a decoração. Mesmo assim, sob um olhar criativo, sua mãe investiu seus dotes artísticos para que conseguissem o melhor dentro de suas possibilidades:

A minha cerimônia foi muito simples mas foi muito simples mesmo. A gente fez um casamento civil na Igreja, né, e foi muito emocionante, porque eu casei na mesma igreja que a minha mãe se casou. Na verdade, o meu casamento foi absolutamente diferente do que eu imaginava e do que eu queria, na verdade, que tivesse sido. Eu queria ter casado de dia, de vestido curto, numa igreja pequena e queria que ele não fosse assim branco, totalmente branco, queria que ele fosse marfim com detalhes em outra cor e tal. Bom, mas eu trabalhava, a grana era curta e eu não sei cuidar de festa, não conte comigo pra isso, então a minha mãe cuidou de tudo. E igreja você tem que reservar com

muito tempo de antecedência, eu não tinha ideia de que fosse assim. Resultado, eu casei a noite, de vestido comprido, o máximo que eu consegui negociar é que ele era mais altinho aqui em cima porque eu via que as noivas entrando chutando o vestido e ficava apavorada com aquilo com medo de cair... Eu casei na igreja de Santana que ela é imensa e depois eu pensei assim 'nossa aquela igreja é muito grande, vai ficar meio estranho porque vai ficar meio vazio' mas que nada, eu chamei o mundo inteiro, os meus amigos, família, todo mundo pra igreja. O casamento foi simples porque houve a cerimônia religiosa ali, com um padre maravilhoso, daquele padre que conversava com as pessoas, que animava, sabe, não foi aquela coisa assim é... É... formal... E a cerimônia foi ali mesmo, na verdade a gente não fez festa, não tinha condição de fazer festa naquela época, a gente fez uma pequena cerimônia no salão da igreja com bolo, aquela mesa maravilhosa e um champanhe para brindar e refrigerante. Então foi bolo e refrigerante e foi ali mesmo na igreja mas foi lindo, minha mãe cuidou de tudo né, minha mãe tinha muito jeito pra esse tipo de coisa mas meu casamento foi lindo. Eu sou muito prosa do meu casamento, assim, pras condições que a gente tinha, ela encomendou louça pintada, taças... Foi maravilhoso gente... Eu só dava aval, só dava o palpite lá. Por exemplo... A lembrancinha do meu casamento foi uma aliança que a minha mãe pintou, aliancinhas em porcelana pintadas... A cerimônia que eu tive eu agradeço à minha mãe, porque foi ela que cuidou de tudo, realmente foi. (Joseli Mercier)

Apesar da estruturação da festa e cerimonial ter ficado por responsabilidade de sua mãe, foi através do vestido seu contato mais íntimo com o ritual. Traçando a partir dali um estreitamento da relação de afeto que a noiva vai adquirindo na construção do ritual, que aos poucos irá passando a entender sobre o rito de passagem do qual se prepara:

Assim, não foi combinado, mas foi onde eu participei mais de tudo, da compra do tecido, do sapato também, do enfeite de cabeça também. Eu fui junto comprar, eu ajudei a escolher. Eu participei muito mais do vestido do que da festa (Joseli Mercier)

Seu processo criativo foi parecido com o de Regina, através de buscas por modelos em fotos de revistas, e a ida a uma costureira de sua confiança. E relata, como as outras entrevistadas que também já passaram pela cerimônia do casamento a sensação de ter achado o vestido ideal, encerrando assim as buscas por outros modelos:

Ah menina é muito difícil escolher, foi muito difícil escolher o vestido. É... Bom, naquela época era revista, não tinha Pinterest, Instagram, nada disso, era revista, procurar revista, então eu comprei um monte de revistas, minha mãe comprava revista. É... Eu escolhi o meu vestido da revista, agora teve uma coisa engraçada. Quando eu vi, esse que

eu escolhi, pro meu vestido, quando eu vi aquele vestido, eu falei 'é esse'. Entendeu?! Depois que eu vi esse, eu não tive mais dúvida que era aquele vestido. Mas menina, era um vestido que tinha uma manga bufante, era um vestido que estava na Ana Paula Arósio. Ana Paula Arósio é linda, então qualquer vestido que você bote na Ana Paula Arósio vai ficar lindo (Joseli Mercier)

A partir da seleção do modelo de vestido ideal, Joseli é acompanhada por sua mãe para a busca de materiais e a sua confecção, realizada por sua madrinha, que era costureira. Com isso, a procura pelos insumos e entendimento de metragem, caimento, aviamentos e tipos de costura se davam a olho nu, ou pela parte da profissional que costuraria, ou pelos vendedores de lojas de tecidos. Sem o auxílio de fichas técnicas, imagens em diferentes ângulos ou a ferramenta *zoom*, a percepção do detalhamento da peça era muito mais difícil. Além disso, na época de seu casamento, em 1993, nas lojas de materiais têxteis havia um estilista, que desenhava na hora o croqui baseado em seu gosto e tipo físico com finalidade de valorizar seu corpo. Mas a entrevistada apresenta um carinho e uma gratidão tão grandes quanto ao cuidado que este vestido foi confeccionado, que nada foi alterado diante da referência imagética, ou seja, foi construído pelas mãos das mulheres de sua família a réplica do traje que mais se identificou:

E aí a minha madrinha, ela costurava, minha madrinha era costureira profissional mesmo, e aí quando eu olhei aquele vestido a minha mãe falou assim "nossa, esse vestido vai dar um trabalhão. Vamos mostrar pra sua madrinha". O vestido ele era aqui em cima bem sequinho né, e ele tinha umas pregas, assim aqui na frente, depois descia aquela saia imensa, uma saia de tecido, eu não sei nome de tecido, tipo um cetim com uma... Um tecido mais fininho em cima e aquela manga bufante maravilhosa. E todo ele era bordado com pérolas, com pérolas, e acho que aquilo deu o toque que eu tinha vontade de fazer de alguma outra cor, eu acho que aquele desenho de pérolas deu esse toque. Levamos o... A foto, né, da revista pra minha madrinha ver, minha madrinha disse assim 'não, eu faço esse vestido, eu faço esse vestido.' E o vestido eu participei mais do que a festa, porque eu lembro que eu fui na loja com a minha mãe comprar o vestido, o rapaz é... Deu dicas, né, de qual tecido mais próximo daquele que tava ali no papel, é... Eu participei da compra das pérolas, foi todo feito à mão. As pérolas e a renda que tinha aplicada no vestido, minha mãe comprou e minha mãe aplicou. Então a minha madrinha fez o vestido todo e a minha mãe fez a parte do bordado e ficou igual ao da revista... É, e assim, a moda naquela época era aquela mesma. Quanto mais armado, melhor, e como eu não queria que ele fosse, né, aquele vestido que você chuta,

então eu amei. Então ele tinha aquela sainha, aqui em cima ele era mais comprido. Meu pezinho, meu sapato aparecia. Ah... E aí forramos o sapato no mesmo tom do vestido. Foi uma coisa maravilhosa gente.... Minha mãe comprou um sapato *scarpin* comum, clarinho. Levamos pra uma pessoa que forro com o mesmo tecido do vestido, ficou sensacional.... (Joseli Mercier)

Todo este carinho na procura de tecidos, a confecção da peça, e por todo este processo ter sido realizado pelas mãos de sua madrinha e bordada por sua mãe, tornaram-se partes marcantes na relação íntima de Joseli com o vestido. E este processo o tornou único, não por apenas ser o vestido réplica de uma imagem vinda de uma revista, mas por todo o simbolismo que ele acabou criando.

Conforme Figura 8 é apresentado o vestido de noiva da entrevistada, onde é percebido um estilo delicado e romântico, lembrando alguns elementos referenciais que remetem ao modelo icônico de Rainha Vitória, grande propulsora do estilo romântico as nubentes, como o alto uso da renda, saia em formato de sino, tecido encorpado, além de bordados. As flores usadas pela monarca, tomaram destaque na entrevistada através de uma releitura feita pelo enfeite de cabeça e seu buque robusto. Também é possível notar uma semelhança com um modelo apresentado no estudo de Burrato (2015), com o vestido de baile de cauda, de 1867, onde estes modelos apresentavam uma frente mais encurtada e mangas bufantes.

Figura 8 – Vestido de noiva de Joseli



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada

Mediante apresentação da Figura 8 é possível perceber a evolução dos modelos de seu casamento para os dias atuais, como é o caso do traje de Letícia. Nestes vestidos aqui apresentados foi possível identificar que quanto mais recentes, mais camadas de tecidos foram perdidas, menos volume adquirido, sendo mais utilizado o minimalismo, tanto em materiais quanto em formas.

Ao ser indagada sobre o significado do vestido de noiva, Joseli responde da mesma forma carinhosa ao relatar a construção de sua peça, e já aborda sobre o processo de se desfazer do vestido, onde imagina que um dia possa ser usado com o mesmo intuito que o seu foi criado, o de se casar. E revela para o destino inusitado para o qual foi encaminhado o vestido:

Nossa, essa pergunta é difícil. O significado é muito, é tanto mas tanto, tanto, tanto que eu me casei... Em 93, eu me separei em 2018... E;u desfiz do meu vestido... Foi início desse ano ou final do ano passado. Primeiro porque na minha cabeça, eu achava que alguém ainda iria se casar com aquele vestido, né?! O vestido ficou guardado numa caixa imensa de, de jogo de panelas, na casa dos meus pais por muitos, e muitos anos. Aí depois minha mãe faleceu, meu pai faleceu e eu vendi a casa e desfiz daquilo tudo, o vestido de noiva foi a última coisa que saiu da casa... Na mudança... Né?! Não, na mudança não, no esvaziamento da casa pra poder vender. Eu já estava separada, eu levei o vestido pra minha casa... Depois eu me mudei pra cá e o meu vestido de noiva ainda veio pra cá, e eu abria, e olhava, e fechava, e abria, e olhava, e fechava, e abria, e olhava, e fechava. Claro o tecido né?! Ele dá... Eu não sei se teria condições ainda de alguém usar como vestido, mas eu refleti muito o que eu ia fazer com o vestido, eu não queria pegar o vestido e jogar fora... Eu não queria pegar o vestido e dar pra qualquer um. Resultado, fiquei muito feliz, o meu vestido ele foi doado pra um quilombo, é... Iníciozinho desse ano. Não sei, até perguntei aqui agora, mas não sei se chegou à resposta, se ele... Se teve condição dele ser usado mesmo como vestido ou se somente aproveitar o tecido. A pessoa pra quem eu dei que falou pra mim que ia levar pra um quilombo falou "Jô, se não tiver condições de ser usado como vestido." Porque tem que lavar, né?! E tal pelo tempo que ficou guardado... "Mas certamente esse tecido pode ser aproveitado até para fazer outros vestidos". (Joseli Mercier)

O vestido de Joseli teve uma trajetória tão simbólica em sua vida que seu encerramento de ciclo com a roupa também ganhou um formato inesquecível, ao ser doado para um Quilombo, podendo proporcionar também a esta peça uma renovação em consumo. O casamento foi apenas o início desse produto, e

o ato de doar permitiu o prosseguimento do ciclo desta peça para novas histórias com novas funcionalidades.

A partir destas entrevistas é possível entender as relações intensas criadas nos momentos de preparação para o casamento. Com o tempo esta conexão fica fadada ao esquecimento, e que por maior que sejam suas expectativas na montagem da peça e durante seu uso, o armário se torna santuário da memória têxtil em que se é transformada. E é a partir deste fim fúnebre de esquecimento e distanciamento, o início do pilar deste projeto.

3. SEM CERIMÔNIAS

Nos últimos anos nota-se um crescimento de conteúdo audiovisual em especial, nas redes sociais. E em meio à crise pandêmica iniciada em 2020 foi proporcionada aos clientes uma intensificação aos novos hábitos de consumo devido ao distanciamento social. Isto ofertou de maneira mais intensa o uso da internet como forma de comunicação, tornando-a indispensável, seja para entretenimento, informação ou para uso profissional. O mundo virtual se tornou uma opção em meio a quarentena estabelecida pela Covid-19. Com isso, as empresas se reinventaram em seus métodos de vendas, onde a atividade das mídias sociais, que já era importante, se tornou uma ferramenta tanto para o mercado quanto para uma identificação do cliente com a marca. Neste mesmo ano, a TIC Domicílios em uma pesquisa fornecida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) apresenta que o uso da internet no Brasil cresceu de 74% para 81% da população, representando 152 milhões de pessoas, onde o celular é o primeiro meio de conexão mais utilizado, seguindo das smart TVs e por último, os computadores (G1, 2021). Esta maior acessibilidade, apresenta um crescimento de 7% do ano anterior (2020) de usuários que utilizaram a internet no Brasil para a compra de um produto ou serviço (G1,2021).

Segundo sites, esta interação cada vez maior com a internet tem promovido aos consumidores um aprofundamento quanto a sua conexão com a marca, permitindo a busca por novas empresas:

É possível notar um comportamento peculiar dos consumidores brasileiros do ano passado para cá: a busca por novas marcas. As pessoas têm abandonado empresas tradicionais e apostado no novo. Elas estão mais propensas a testarem novas possibilidades e um dos motivos que provocou essa migração foi a emoção. Viram a necessidade de se sentirem acolhidas, de enxergar que aquela marca realmente se importa com suas dores e busca atender aos seus desejos. (G1,2021)

A partir daí, é notório que esta relação com o consumidor tem sido um elo fundamental na parte de vendas e, em especial, na sua fidelização. E buscar

meios para que esta mensagem seja captada e traga uma conectividade marca *versus* cliente tem sido cada vez mais necessária. E uma das ferramentas que tem se tornado útil e ganhou destaque no mercado de moda como método de transmitir de forma clara esta aproximação é o *fashion film*, sua aparição não tem uma data exata, mas sua maior repercussão começou dentro da pandemia após o processo do distanciamento social. Este tipo de conteúdo audiovisual, pode ter duração de 1 até 15 minutos, e tem sido principalmente explorado pelas grandes marcas de moda como Dior, Chanel, Luis Vitton, Mugler dentre outras, com o intuito de comunicar o estilo, o conceito e a estética da marca.

Entendendo sobre esta linguagem que tem sido cada vez mais trabalhada no meio do Design de Moda, este produto audiovisual foi selecionado a fim de propagar um questionamento sobre o vínculo entre mulher e vestido após o casamento e como o designer de moda pode reativar esta conexão, fazendo com que haja uma ressignificação do material e que toda a construção deste elo com o traje não se perca, trazendo assim, o retorno da peça ao ciclo de consumo.

O Release

Ornamentações florais, música ambiente que estabelece um clima romântico e trajes à caráter, são elementos característicos que propiciam um lugar célebre para o momento decisivo da apresentação da noiva ao esposo, para o então selamento da união do casal. Ao longo dos anos, a festa de matrimônio é um evento que tem crescido neste mercado de serviços, onde a figura da noiva, em sua maioria, tem trabalhado como a grande gerenciadora da festa.

Ao longo dos anos, a mulher foi conquistando um papel importante no casamento, saindo de uma aparição coadjuvante onde a união é estabelecida a partir de trâmites políticos, alianças familiares e fortalecimento de poder, e dominando com o tempo um papel como gerenciadora e grande propulsora de todo o evento, além de uma figura emblemática, onde sua presença se torna o

maior atrativo da festa. Como diz Santos (2009), “a noiva passa por uma espécie de transformação: há uma mulher antes do casamento e uma noiva, especialmente preparada para, durante o rito, eternizar-se como imagem. A nubente conquistou um papel majestoso e todo o cerimonial é arquitetado para que esta vivência seja um momento marcante. Em meio a isso, o seu vestido é o que traz todo um poder visual para o cenário, incorporando-a em um simbolismo de empoderamento, beleza, feminilidade, mas sem perder o ar romântico. Ou seja, o seu traje é o figurino central do cenário, assim como a rainha tem o poder atribuído a coroa, à noiva é atrelado ao seu vestido.

Entendendo esta autoridade visual projetada no traje cerimonial da noiva, e toda uma ligação acontecida para a criação ou a compra deste figurino, habita uma grande dúvida sobre o cenário: e depois como fica esta conexão com a peça? Após o jogar do buquê, a despedida dos padrinhos e madrinhas aos novos casados, ao guardar das decorações e o ao esvaziar do salão, como fica esta relação mulher e vestido para as noivas que não alugaram? A magia acaba?

Permeado sobre esta indeterminação do após, este projeto teve como produto a criação de um *fashion film*, baseando-se no vínculo afetivo entre mulher e vestido pós casamento, questionando o repertório fúnebre da peça e como que a moda permite entender este laço, promovendo soluções de transformação do item no intuito de torná-lo útil ao seu usuário e funcional, retornando assim, para o ciclo de consumo. Com duração média de cinco minutos, possui uma característica narrativa e visual, com apresentação das falas de quatro mulheres entrevistadas em fases distintas do casamento, e como foi a trajetória de criação e o pós ritual de seus vestidos.

O processo criativo

A partir das narrativas percorridas pelas entrevistadas, o processo criativo se debruçou em suas vivências pessoais, onde seu repertório íntimo foi estudado e avaliado por meio das filmagens. As entrevistas foram gravadas (conforme

Figura 9), e a captação das falas, gestos e olhares fizeram parte deste desenvolvimento, no intuito de trabalhar de forma comovente e analítica suas relações íntimas com a peça após o cerimonial. Com base em suas histórias, a busca de palavras chaves que pudessem simbolizar e entender sobre suas relações também foram utilizadas na intenção do uso como direcionamento na procura de um referencial imagético e simbolizar em imagens todos os sentimentos que estavam vivenciando e reside ao relembrar de suas memórias.

Figura 9 – Painel de Imagens das entrevistas.



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Os moodboards

O *moodboard* foi a ferramenta utilizada para a identificação visual dos sentimentos expressados pelas entrevistadas e a projeção do que se desejava alcançar. A seleção de palavras chaves permitiu a captação de sentimentos externados pelas entrevistadas e que assim, concedeu a criação de um painel

imagético que pudesse expressar, de forma experimental, em tamanhos, cores e texturas os sentimentos e gestos que foram captados nos diálogos. Com isso, foram projetados dois painéis imagéticos, um baseado nas palavras, expressões e simbolismos apresentados durante as entrevistas na busca de um conceito apresentado pelo *fashion film* (Figura 10) e o outro, com a ideia da locação e iluminação para as cenas a serem gravadas (Figura 11).

O *moodboard* sobre o conceito foi confeccionado no intuito de apresentar expressões chaves trazidas pelas próprias entrevistadas ao se lembrarem de seu casamento e nas descrições de suas trajetórias com as peças pós ritual. Foram buscados referenciais imagéticos que pudessem abordar, em específico, o sentimento feminino nos preparativos e no momento do ritual, transmitindo a anseio da noiva, o amor caracterizado pelo entrelace das mãos entre os nubentes e a vivacidade das flores no buquê. Tudo isto possui um contraste visual, trazido por imagens que indicam a ação do tempo, o término do cerimonial, o vestido sujo após a festa, o guardar da peça e o envelhecimento do casal. A ênfase as alianças vêm retratando simbolicamente a união, sendo o elemento que permanece no curso de suas vidas, e o dia do matrimônio é datado para este selamento e a entrega do acessório.

As imagens das três entrevistadas que já passaram pelo ato do casamento também foram inseridas no intuito de esboçar a felicidade genuína na decisão de se casar.

Conforme Figura 10 o *moodboard* apresenta uma ambiência de transformação, através da coloração de imagens em tons mais amarelados e fundo com pigmentos simulando um papel antigo. Onde a ideia central foi expressar a ação dos anos, simbolizando o que realmente permanece após o cerimonial, e o vestido apesar de toda sua importância, a partir da ação do tempo, tem seu simbolismo transformado em apenas uma recordação da noiva. Estes tons traduzidos neste painel servirão de condução para colorização da edição do vídeo que será apresentada mais à frente.

A collage of 12 images related to weddings and marriage, with Portuguese words overlaid. The images include: hands holding a bouquet, hands clasped, a bride in a white dress, a couple in wedding attire, a bride in a white dress, a bride in a white dress, a bride in a white dress, a bride in a white dress, a bride in a white dress, a bride in a white dress, a bride in a white dress, and a bride in a white dress. The words overlaid are: União, Felicidade, Desapego, Conexão, Simbólica, Genuíno, and Recordação.

Fonte: Compilação da autora, 2022.

Para a ideia de locação e iluminação foi confeccionado o *moodboard* abaixo (Figura 11):

Figura 11 – Painel de locação e iluminação.



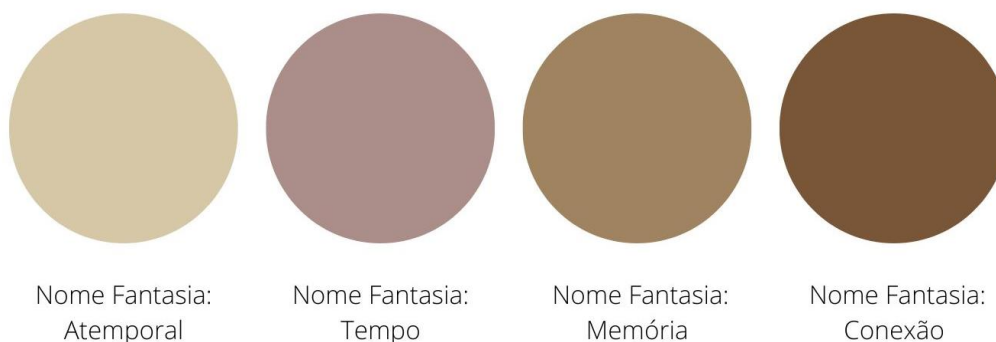
Fonte: Compilação da autora, 2022.

A Figura 11 apresenta o painel imagético com os ambientes encontrados na realização das entrevistas. Não foram retiradas fotos dos locais, mas para melhor entendimento e representação de onde foi realizado a filmagem na casa das entrevistadas foi realizada uma busca de imagens em sites que retratassem a disposição destes espaços, como a varanda a céu aberto e a sala próxima de uma janela com vista para área externa. A seleção destes lugares teve o intuito de captar uma iluminação natural. Já os *takes* do vestido doado, que se apresentam como mescla entre as entrevistas na composição do *fashion film*, foram filmados na sala da autora deste projeto, simbolizado pela parede branca próximo a um sofá. Além disso, o *moodboard* apresenta os tipos de iluminação utilizados para a gravação, como o uso de luz natural e da *ring light* como fonte de luz artificial.

A cartela de cores

Como dito anteriormente, o *moodboard* conceitual serviria de direcionamento para a extração da cartela de cores (Figura 12), no intuito de buscarmos um equilíbrio visual entre as filmagens, que conectasse com o sentimento passado pelo próprio painel na captação destas entrevistas. Nesta procura pela uniformidade de cores, visto que as gravações se deram nos lares das entrevistadas e havia elementos e luzes diferentes que apresentavam uma diferenciação forte em tons na imagem apresentada, entendeu-se que o uso de um filtro possibilitaria tal redução de tonalidades, auxiliando na ideal de um peso visual. Transmitindo uma singularidade que auxiliaria no equilíbrio estético, permitindo que houvesse uma conexão entre os quadros, tanto das entrevistas, quanto dos detalhes do vestido.

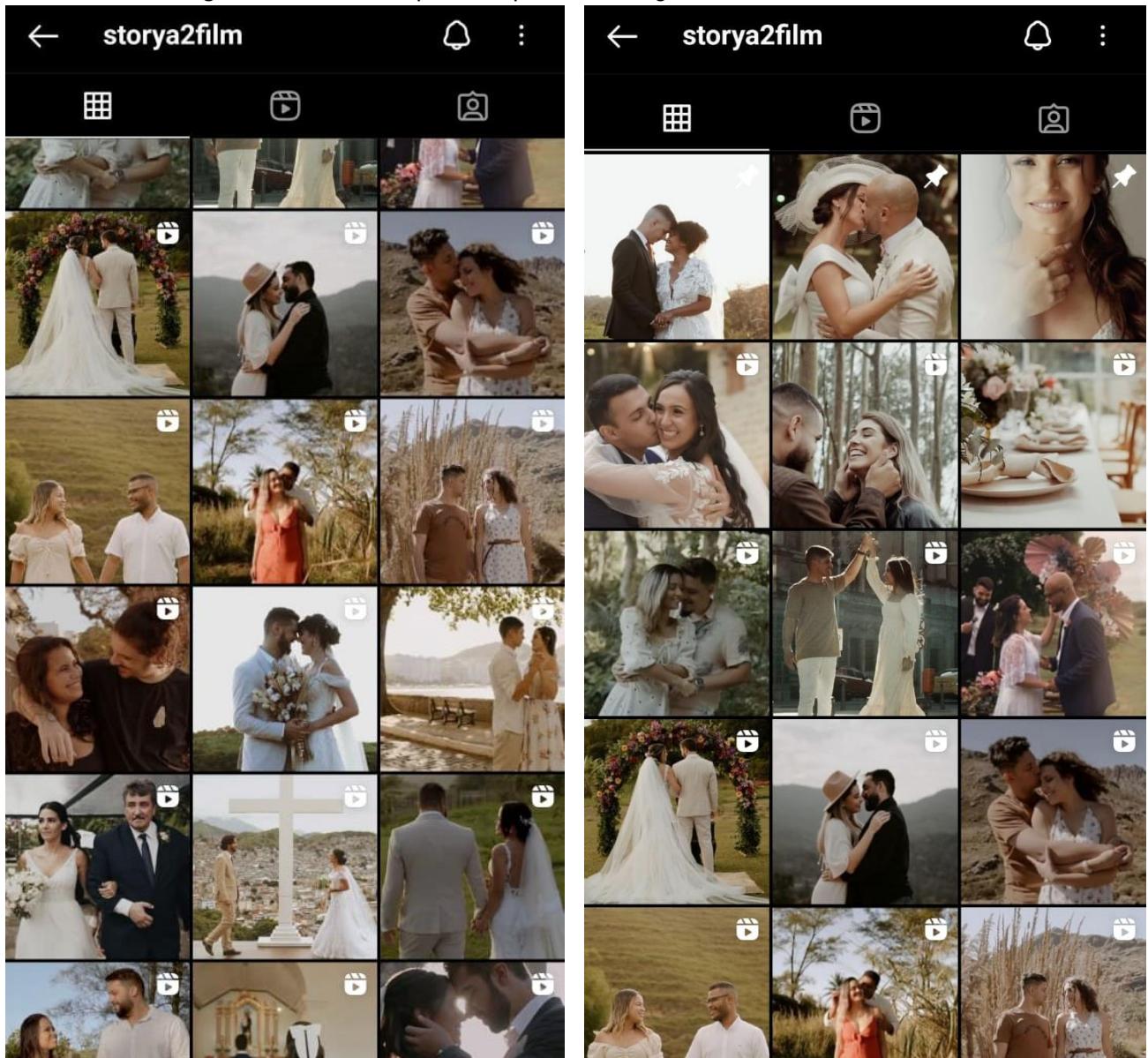
Figura 12 – Cartela de Cor extraída do *Moodboard* de Conceito.



Fonte: Compilação da autora, 2022.

As cores selecionadas apresentam nomes fantasias que remetem as expressões chaves captadas nas entrevistas, e com toda esta atmosfera de memória e tempo, foram procurados filtros que remetessem uma ambiência *vintage*, fazendo uso da tonalização do amarelado e da pouca saturação. Como exemplo, foi trazido um print de um perfil no Instagram de uma equipe de filmagem, conhecida como Storya2film, com especialização em casamentos com exemplos de filtros de referência que esboçam o resultado desejado deste projeto.

Figura 13 – Pannel de prints do perfil do Instagram usado como referência.



Fonte: Compilação da autora, 2022.

O Storytelling

Frequentemente, os designers têm de encarar o desafio de encaixar grandes quantidades de informação em formatos com espaços limitado. Existem vários princípios que podem ser usados para alimentar o processo de design com informações e ajudar a superar esse desafio. (Ambrose, 2011, p.56)

No meio de tantas informações a seleção de quadros que melhor possam trazer o intuito do projeto e transmitir ao público o que se deseja é um grande desafio. E o *storytelling* foi a ferramenta utilizada para apresentar o caminho que deverá ser seguido para conseguir a abordagem almejada.

Storytelling é uma simulação de uma realidade. Ao cativar a atenção, a narrativa provoca uma imersão que chega ao nível sensorial. Por ter uma estrutura aberta e simbólica, de conteúdos interpretáveis, é muito fácil para uma pessoa encaixar-se em uma história. (PALACIOS; TERENCE, 2016, p. 103)

O *storytelling*, uma técnica muito comum no campo do cinema e na criação de conteúdos audiovisuais que auxiliam na confecção de vídeos que entretenham e promovam uma conexão emocional por parte do telespectador ou cliente. E no ramo da moda tem auxiliado para a confecção de *fashion films*. Seja para o uso de fortalecimento de identidade de uma marca ou venda de um produto, esta ferramenta propõe o uso de estratégias narrativas que desenvolvam cronologicamente os fatos e assim, tragam relevância no tema apresentado.

Para montagem do *storytelling* seis questões relevantes foram entendidas para iniciar a criação da narrativa:

- **Tema:** A trajetória fúnebre do vestido de noiva após o cerimonial;
- **Personagem:** o vestido de noiva;
- **Conflito:** a relação pós cerimonial e o papel da moda;
- **Trama (enredo):** o ciclo de vida curto do vestido de noiva;
- **Estilo:** Emocional/ Moral;
- **Encerramento:** Possibilidades de produto a partir da ressignificação da peça.

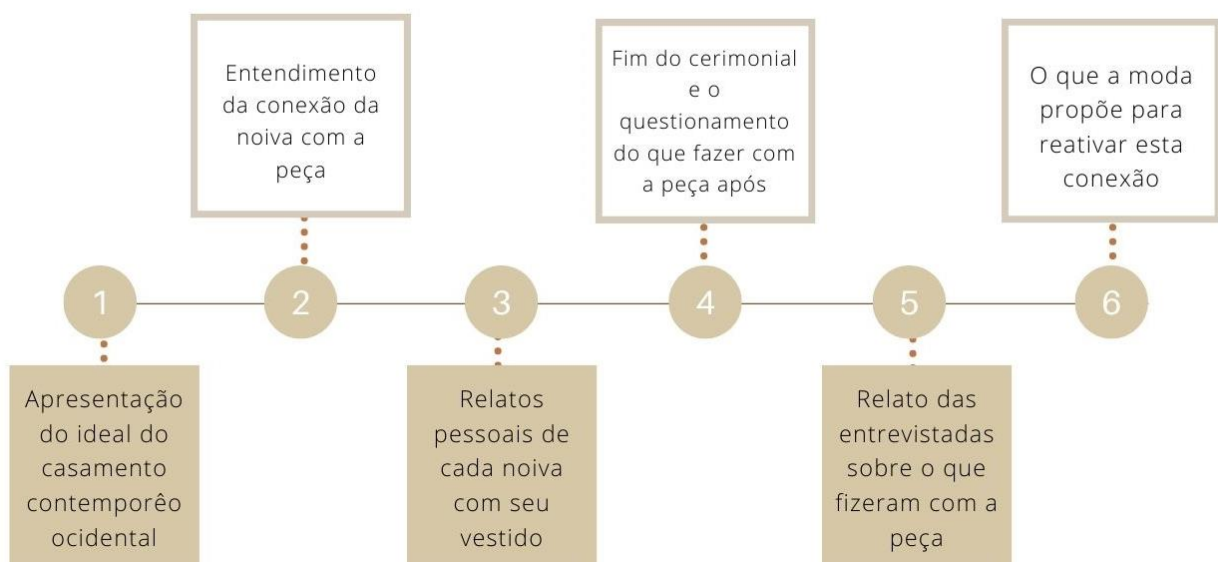
A partir destes pontos definidos, e pensando sobre a trama a ser desenvolvida neste *fashion film*, foi utilizado como referencial de vídeo com estilo emocional “A Despedida da Kombi” feito em 2013 para o anúncio do término de suas fabricações aqui no Brasil pela *Wolkswagen*. Nele há a narração do próprio

produto contando desde sua criação, sua presença em momentos marcantes de seus clientes, até o momento em que são apresentadas reportagens mundiais sobre o encerramento de sua produção, e como ato de despedida são entregues recordações para seus usuários. Assim, finalizando o curta com o encontro do filho do criador do automóvel e a van.

Entendendo sobre este despertar afetivo que o vídeo apresenta aos telespectadores, ele foi utilizado como referencial no intuito de apresentar ao *fashion film* uma performance que não atue em uma venda de um produto, mas afirme e provoque esta relação íntima com a peça. Sendo assim, o *storytelling* foi desenhado com a finalidade de direcionar no processo da edição quais partes deverão ser selecionadas, conforme apresentado na Figura 14.

Figura 14 – Storytelling.

Storytelling



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Conforme apresentado na Figura 14, é exposto o *storytelling* a partir de um esqueleto que permita entender quais trechos das entrevistas serão interessantes serem exibidos no *fashion film*, que captem a ideia da trama que

deseja ser transmitida. A partir deste recurso, foi utilizada uma outra ferramenta capaz de orientar a edição desta narrativa, auxiliando para conservar a narrativa de forma clara.

O Storyboard

Um *storyboard* é uma história em quadrinhos rudimentar que conta a história de seu filme em imagens. É uma oportunidade para experimentar diferentes maneiras de capturar uma cena antes de chegar ao set. É uma maneira de experimentar e testar ideias. Você não precisa segui-lo à risca, mas conhecer a estrutura visual básica de uma cena garante que não haja desperdício de tempo na hora de filmar. (THRIFT, 2017, p. 15)

Como descrito por Thrift acima, o uso do *storyboard* permite que você pense nas cenas antes de serem gravadas, possibilitando que a criatividade e a experimentação também aconteçam, mas que no dia da gravação haja um trabalho mais objetivo e entendido de qual cena capturar, e em que ângulo a câmera deverá focar.

Sendo assim, esta ferramenta foi utilizada no intuito de visualizar a seleção de trechos da entrevista, já que maior parte de suas gravações tinham acontecido antes da realização do processo criativo deste projeto. Deste modo, o *storyboard* servirá como direcionador dos futuros quadros a serem gravados com o detalhamento do vestido doado e como forma de orientação na edição do *fashion film*. Em comunhão com o ideal do *storytelling* desenvolvido, trará ao vídeo uma narrativa que possa fixar a atenção do telespectador.

Conforme a Figura 15 abaixo, o *storyboard* foi confeccionado com imagens que simbolizassem momentos das entrevistas, apresentando um esquema de quadros que possibilitem a visualização da seleção de cenas, uso de fotos do acervo pessoal das entrevistadas, entre outros recursos imagéticos.

Figura 15 – Storyboard com trechos das cenas das entrevistas e quadros para edição do *fashion film*.

Storyboard



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Conforme apresentado na Figura 15 o *storyboard* consta uma apresentação de *prints* da entrevista para identificação dos quadros que serão usados nas abordagens, sua enumeração juntamente com as setas apresentam a ideia de continuidade da trama. Para melhor entendimento de como será apresentado no *fashion film* foi desenvolvido um pequeno roteiro no intuito de objetivar as cenas que ainda seriam gravadas, sendo estas os vídeos de detalhamento e movimentos do vestido de noiva. Abaixo segue o Quadro 1 onde são relacionados cada número do *storyboard* e sua descrição, que também servirá de norteador no momento da edição.

Quadro 1 – Roteiro dos quadros selecionados

NÚMERO	DESCRIÇÃO DO QUADRO
1	Entrada com frase sobre inspiração do projeto
2	Narração para abertura do <i>fashion film</i> , contando sobre o casamento
3	Desenho ilustrativo sobre ser noiva
4	Apresentação do Título “Sem Cerimônias”, filmagem do vestido em movimento
5	Lívia – fala sobre o casamento ser seu maior sonho
6	Quadros de 1s mostrando momentos aleatórios das entrevistas – Narração: sobre ser noiva,
7	Fala de Letícia sobre seu vestido
8	Fala de Regina sobre seu vestido
9	Fala de Joseli sobre seu vestido
10	Cena do vestido doado em movimentos e seus detalhes e fotos do acervo pessoal das entrevistadas – Narração: questionamento sobre o pós cerimonial e sua relação
11	Relato de Joseli sobre o que fez com o vestido após o cerimonial
12	Relato de Regina sobre o que fez com o vestido após o cerimonial
13	Relato de Letícia sobre o que fez com o vestido após o cerimonial
14	Cena do vestido doado pendurado – Narração: ciclo curto do vestido de noiva
15	Cena do vestido doado pendurado e apresentação de possíveis produtos – Narração: possibilidades que a moda traz para retornar com esta roupa ao ciclo de consumo
16	Créditos finais

Fonte: Compilação da autora, 2022.

Segundo o Quadro 1, é possível identificar uma organização quanto a forma que será realizada a edição do *fashion film*. Apresentando uma mescla de imagens, cenas das entrevistas e de detalhes do vestido de noiva, além de narrações com o intuito de apresentar uma maior contextualização sobre a relação íntima da peça e a noiva pós cerimonial e o papel do designer de moda.

A gravação

As gravações foram realizadas com a ajuda de uma equipe para filmagem (Figura 16) e os locais das entrevistas foram realizadas na casa de cada entrevistada, e se deram no início deste projeto devido a necessidade da captação das reações dos diálogos mediante as perguntas realizadas, apresentadas anteriormente.

Figura 16 - Ficha técnica da equipe de produção



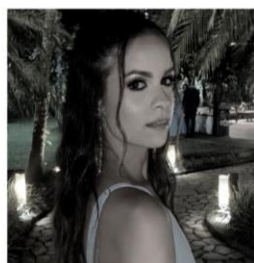
Felipe Faulhaber

Filmmaker



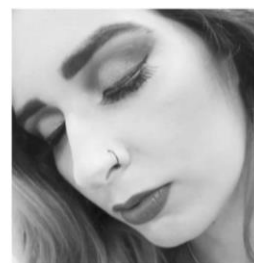
Flavia Tampeli

Diretora
Modelo
Editora



Mariana Farto

Filmmaker



Mariana Jevaux

Filmmaker

Fonte: Compilação da autora, 2022.

Conforme apresentado na Figura 16, a condução das gravações se deu por meio da equipe de filmagem acima que tiveram as responsabilidades de analisar ângulo, iluminação e áudio. Quanto as entrevistadas, na Figura 17 é

possível visualizar seus respectivos dados e como foram intituladas no *fashion film*.

Figura 17 – Ficha técnica das entrevistadas



Lívia Mercier
24 anos
Noiva



Letícia Cardinali
35 anos
Bodas de Latão
7 anos de casamento



Regina Farto
54 anos
Bodas de Crizo
33 anos de casamento

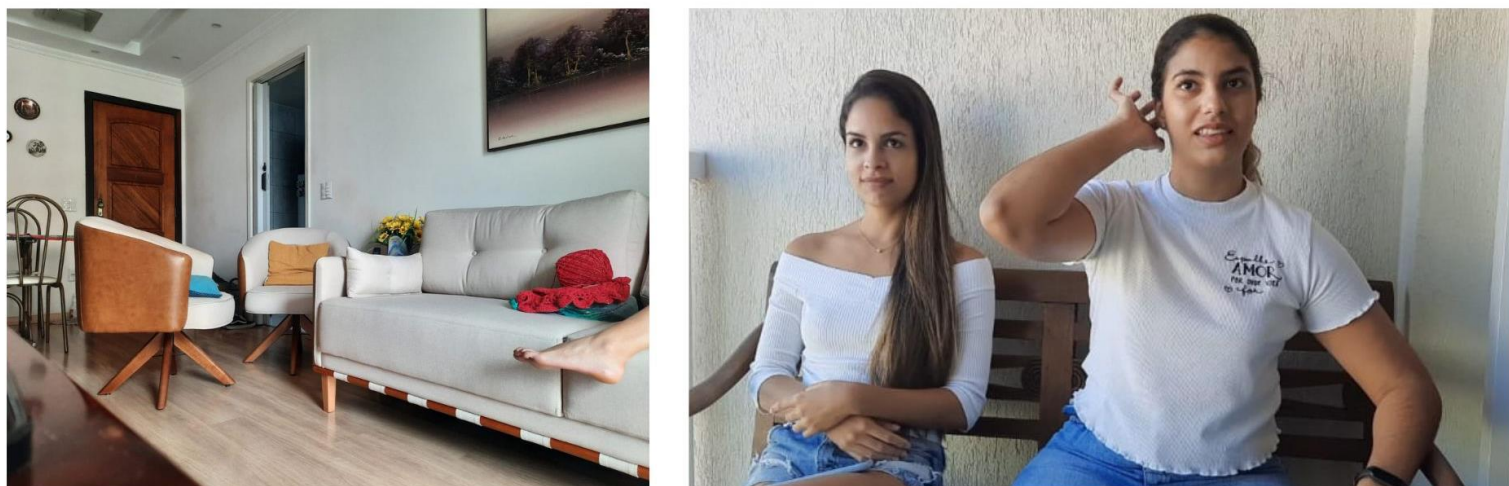


Joseli Mercier
54 anos
Encerrando Ciclos
Divorciada

Fonte: Compilação da autora, 2022.

As entrevistadas (conforme são apresentadas na Figura 17) disponibilizaram lugares em suas casas que possuísem maior contato com uma iluminação natural. Os encontros foram marcados para que ocorressem no horário da parte da manhã para aproveitamento desta luz, conforme Figura 18. Porém, o encontro com uma delas, Letícia, não pode acontecer com o uso deste tipo de iluminação devido a uma mudança climática inesperada. Com receio de não conseguir o conteúdo audiovisual a tempo para a apresentação do projeto, foi utilizada uma fonte artificial de luz no momento, a *Ring Light* com uma coloração mais quente. Neste dia, a realização da gravação aconteceu apenas com a autora do projeto, sendo as outras duas entrevistas acompanhadas por Mariana Farto, que participou como *filmmaker*, conduzindo a direção de filmagem.

Figura 18 – Bastidores das Entrevistas



Fonte: Autoria pessoal, 2022.

Conforme Figura 18, é possível identificar a fonte natural nas imagens e tentativas de angulação em busca da melhor visualização das entrevistadas. Em um outros dois dias foram realizadas as gravações do vestido de noiva cedido pela entrevistada Letícia. Elas aconteceram numa pequena locação na casa da própria autora, onde em um dia foi utilizado uma fonte de luz artificial e no outro, uma luz natural. Esses quadros foram filmados, pelos *filmmakers* Mariana Jevaux e Felipe Faulhaber, e conduzidos com o objetivo de mesclarem com as falas das entrevistadas e apresentar mais da peça tema do projeto, o vestido. Foi realizado por último com o direcionamento do *storyboard* e *storytelling*, sendo uma gravação mais objetiva, já que se havia o conhecimento de onde seria adicionado as tomadas realizadas e como seriam conduzidas. Conforme Figura 19, é possível ver os bastidores, além da locação e o tipo de material utilizado para gravação das cenas.

Figura 19 – Bastidores das cenas do vestido doado



Fonte: Compilação da autora, 2022.

O pós-gravação

Para a edição foram utilizados o aplicativo *Shotcut* e *Capcut*, sendo selecionadas os melhores momentos das entrevistas, e os melhores trechos de gravações de uso do vestido, utilizando o *storyboard* como principal condutor das sequências. Em relação a Colorimetria foram selecionados filtros para a harmonização das cenas de forma que remetessem a ambiência *vintage* tratada no *moodboard* e na cartela de cor, conforme Figura 20.

Figura 20 – Cenas do fashion film editadas para a cartela de cor.



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Como apresentado na Figura 20, houve um equilíbrio visual das filmagens através do uso de filtros, se relacionando com a cartela de cor, apresentada anteriormente, remetendo uma constância imagética na mesclagem das cenas, tanto entre as falas das entrevistadas quanto as do detalhamento e movimentação do vestido. Além deste recurso, também foram utilizados efeitos especiais que ilustrassem câmeras antigas, no intuito de apresentar o ideal de memória.

Para as transições dos quadros foram utilizados efeitos que apresentassem o desfoque e o destaque a pontos brilhantes, também transmitindo um ideal de transformação e sutileza. Na Figura 21 é possível ver um painel com cenas do *fashion film*, e logo após o link para acesso.

Figura 21 – Painel com cenas do *fashion film*



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Link para acesso ao *fashion film* “Sem Cerimônias” - https://youtu.be/da34S_HS9vY

Como fundo musical foram selecionadas músicas que se encontram em alta no mundo das cerimônias matrimoniais para composição, escolhendo versões instrumentais, em específicos, de violoncelo, violino e piano, que intensificam esta atmosfera romântica. Foram escolhidas a Marcha Nupcial em sua versão original para a abertura do *fashion film*, *Lovely* de *Billie Elish* para as falas quanto a parte envolvente da relação mulher e vestido, *Believer* de *Imaginedragons* para o momento em que há o questionamento sobre a relação pós cerimonial e, para o momento que remete a transformação ocasionada pelos designers de moda, *Blinding Lights* de *The Weekend* todas retiradas da plataforma online Youtube para uso de seus áudios.

Como possibilidades de produtos, foram abordados apenas 4 itens que seguem como ilustração no *fashion film*, o programa utilizado para confecção dos desenhos foi o Adobe Photoshop. Eles apresentam como que o designer de moda pode transformar este sentimento ilegível da noiva para com a peça e ressignificar em produtos que seriam utilizadas em seu dia a dia. Permitindo que a simbologia do vestido ganhasse novas formas e, assim, novas histórias, além de possibilitar o retorno deste material ao ciclo de consumo. Conforme Figura 22 é apresentado algumas das possibilidades criadas e de uso diário em que o vestido poderia se transformar.

Figura 22 – Possibilidades de produto a partir do vestido de noiva.



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Através da apresentação da figura 22, vemos o leque de possibilidades que pode criar o designer através da matéria prima do vestido permitindo uma ressignificação desta peça além do uso têxtil, possibilitando seu retorno ao ciclo de consumo seja para uma nova função, forro de sapato, criação de vestuários, acessórios, ou ainda um artigo para uma nova noiva. Este novo propósito aos materiais é permitido através de várias técnicas, duas que ganham destaque deste projeto são o *Upcycling* e a customização. Ambas buscam o uso da criatividade como alternativa para a recolocação do item para o mercado, mas

seus métodos diferem. A customização tem por característica manter a função inicial do objeto, acrescentando materiais ao objeto ou até mesmo remodelando-o. Já o Upcycling é um método que apresenta uma alteração do objeto quanto sua função original. Para Lucietti, et. al (2018, p.4):

O termo *upcycling* foi usado por William McDonough e Michael Braungart em seu livro, *Cradle to Cradle: Remaking the Way We Make Things*, em 2002. Eles afirmam que o objetivo deste movimento, é evitar o descarte de materiais úteis. Reduzindo o consumo de novas matérias-primas durante a criação de novos produtos, o que pode resultar em redução do consumo de energia, poluição do ar e da água e até, das emissões de gases de efeito estufa.

Mediante este entendimento, são apresentados a seguir os painéis contendo maior aprofundamento quanto as possibilidades de produtos identificadas oriundas do vestido de noiva em questão e os tipos de técnicas:

Figura 23 – Painel Criativo Vestido de Noiva



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Figura 24 – Painel criativo blusa de tule



Fonte: Compilação da autora, 2022

Figura 25 – Painel criativo calça pantalone



Fonte: Compilação da autora, 2022

Figura 26 – Painel criativo vestido casual



Fonte: Compilação da autora, 2022.

Figura 27 – Painel criativo sapato scarpin forrado



Fonte: Compilação da autora, 2022

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *fashion film* é uma estratégia visual utilizada como ferramenta de comunicação direta com seu público, muito eficaz para apresentação de produtos, identificação de estilo de vida ou reforçar ideais da marca. O presente projeto teve como objetivo utilizar deste recurso audiovisual sem a apresentação de uma marca pré-definida, mas com o intuito de transmitir uma identificação ao usuário e questionar assim, ao público, e até mesmo, os futuros designers de moda quanto a relação vestido e mulher pós casamento.

Por mais que suas vivências sejam diferentes, para as que comprem, o final é quase sempre o mesmo. O armário. E neste *fashion film* a mensagem a ser transmitida é mencionando esta trajetória fúnebre, que apesar do encanto e da felicidade confeccionado para a imagem do vestido, após o cerimonial é uma caixa grande que o espera pelos próximos anos.

Para compreensão melhor sobre o ritual do casamento, houve-se a necessidade do aprofundamento da relação histórica da ritualística e sobre o avanço do traje de noiva até os dias atuais e o entendimento de como o papel da mulher foi avançando ao longo dos anos.

Consequentemente, a pesquisa necessitou do desenvolvimento de entrevistas onde foram escolhidas quatro mulheres em fases distintas do casamento para um entendimento de suas histórias e como fica sua relação com o vestido ao passar dos anos. Para uma alternância de imagens, foram gravadas pequenas cenas do vestido doado por uma das entrevistadas, além da confecção de possibilidades de produtos que possam vir a ser confeccionados através do vestido.

A partir de então, foi possível dar início ao processo criativo do ideal visual que se buscava ao *fashion film*. Para sua edição e gravação dos recortes que faltavam, o *storyboard* e *storytelling* foram grandes direcionadores no momento da edição, maior obstáculo no andamento do projeto. Por conta da falta de habilidades técnicas e experiência com a área, houve dificuldade quanto à

procura de um programa intuitivo e que apresentasse ferramentas que tornassem o vídeo interessante, havendo a necessidade de várias modificações quanto aos esquemas de organização do vídeo.

Sendo assim, conclui-se que, este projeto atinge seu objetivo com a confecção do *fashion film* “Sem Cerimônias”, onde este se apresenta voltado para designers de moda e mulheres que tem o intuito de se casar ou que um dia já se casaram. Sua abordagem aqui trazida é para uma familiarização do ideal da reutilização de peças e sua transformação para assumir novas funcionalidades. E a partir disso, a moda pode apresentar inúmeras possibilidades que permitam a esta mulher conviver com este traje de uma forma mais presente em sua vida, ressignificando sua peça para algo dentro de seu uso do dia a dia, permitindo que retorne para o mercado de consumo ou através de uma customização do vestido para uso de uma outra noiva.

O presente projeto conseguiu atingir seus resultados através da criação de um vídeo que possa apresentar falas de mulheres que permitam trazer uma identificação com o público e um questionamento extremamente importante nos tempos atuais, onde pautas relevantes sobre sustentabilidade têm sido abordadas com frequência como resoluções para o futuro do nosso planeta. Realizar esta pesquisa e o processo de criação do vídeo se tornou uma experiência extremamente enriquecedora e desafiadora, onde foi possível colocar em testes competências pessoais nunca testadas.

Sugere-se para futuros projetos o aprofundamento de técnicas que possam reutilizar o vestido de noiva e transmitir a ressignificação projetada nos sentimentos no momento da procura/criação/compra do vestido pela noiva. Além disso, o desenvolvimento de uma coleção de peças casuais que permitam que este produto ganhe uma nova função e retorne ao ciclo de consumo.

Referências

ALVES, Altair. Cartórios do Rio de Janeiro registram aumento de 28% nos casamentos em 2021. **Diário do Rio**. Disponível em: <<https://diariodorio.com/cartorios-do-rio-de-janeiro-registram-aumento-de-28-nos-casamentos-em-2021/>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

AMBROSE, Gavin. **Design Thinking** / Gavis Ambrose, Paul Harris; tradução: Mariana Belloli; revisão técnica: Antonio Roberto Oliveira, - Porto Alegre: Bookman, 2011.

ARAÚJO, M. D. F. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicologia: ciência e profissão. 2002. Disponível em: [//www.scielo.br/j/pcp/a/c994NrJ8VpydGdwZ9h4z4gw/?lang=pt](http://www.scielo.br/j/pcp/a/c994NrJ8VpydGdwZ9h4z4gw/?lang=pt). Acesso em: 27 mai. 2022.

BETTEGA, Maria Lúcia. **O casamento como manifestação de uma cultura: o caso de Palmira**. Rio Grande do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.

BORGES, Wanja. Por que a noiva se casa de branco? **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/por-que-noiva-se-casa-branco.htm>. Acesso em: 26 jun. 2022.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1999. vol.2.

BURRATO, G. C. C; FORNASIER, C. B. R. **A Ressignificação do Corpo através do Vestido de Noiva**. Moda Documenta: Museu, Memória e Design. 2015.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo. Editora das Américas S/A, 1956.

DIAS, P. B. **A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de privada na Antiguidade Tardia**. 2004. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/casamento.pdf>. Acesso em: 27/05/2022.

FERRAZ, Queila. HISTÓRIA do Vestido de Noiva: Da antiguidade ao século XIX (Parte I). **Fashion Bubbles**. 2021. Disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/historia-do-vestido-de-noiva-parte-1/>. Acesso em: 26 jun. 2022.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ªed. Petrópolis, Vozes, 1985.

Guia Completo: o significado de todas as bodas de casamento. **Blog Vivara**. 2021. Disponível em: < <https://blog.vivara.com.br/2021/08/30/todas-as-bodas-de-casamento/>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

Imagine Dragons - Believer for violin and piano (COVER). 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo Canal Alison Sparrow. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Cm_N-hqbElc. Acesso e: 10 nov. 2022

JANONE, Lucas; DURAN, Pedro. Cartórios projetam ‘boom’ de casamento. **CNN**. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em:<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cartorios-projetam-boom-de-casamentos-em-2022/>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

Lovely - Billie Eilish & Khalid - Cover (Violin). 2019. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal. Publicado pelo Canal ItsaMoney. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_KFsjvgPfHg. Acesso em: 10 nov. 2022

MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo**. Revista de Administração de Empresas, Vol. 47, Nº 1, 2007.

MICHELON, Francisca Ferreira; SCHNEID, Franstieska Huszar. **Alinhavos da memória: o vestido de noiva do século XX**. Colóquio de Moda 2014. Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202014/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-EIXO-3-Cultura-historia-sociologia-antropologia-psicologia-filosofia-etc..pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.

MITIDIERI, Ana Maria Amorim. **O traje de noiva como identificação e estilo de vida**. Colóquio de Moda. 2008. Disponível em: <<http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202008/42506.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

O vestido de noiva ao longo da história. 2020. 1 vídeo (11 min) Publicado pelo Canal História e Tu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lc2tzwMjy4>. Acesso em: 26 jun. 2022.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **O Guia completo de storytelling**. 1ª edição. Rio de Janeiro. Alta Books editora. 2016.

Palco e Pano: O figurino no teatro. Publicado pelo: Mari Cho TV. (17 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HtTwl2PrTns>. Acesso em: 10 out. 2022

Pandemia muda os hábitos de consumo dos brasileiros. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ma/maranhao/especial-publicitario/perspective-investimentos/noticia/2021/06/02/pandemia-muda-os-habitos-de-consumo-dos-brasileiros.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

PINTO, Débora Fontes et al. **O Enxoval de casamento – cultura e mercado na (re)significação de uma tradição**. Ceará: Universidade Federal do Ceará.

SANTOS, Jorge Viana. **Fotografia, memória e mito: o álbum de casamento como recriação imagética de um rito social**. Bahia. Universidade Estadual do Sudoeste de Bahia. 2009

SILVA, Victor Hugo. 81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

STALYBRASS, Peter. **O casaco de Marx – roupa, memória, dor**. 5ªed. São Paulo. Autêntica. 1998.

The Weeknd - Blinding Lights - Cover (Violin) – Cover The Weeknd. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo Canal ItsaMoney. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cBV2ir3BCJc>. Acesso em: 10. nov. 2022

THRIFT, Matt. **Guia para fazer seu próprio filme em 39 passos**. Londres: Laurence King Publishing, 2017.

Uso da internet no Brasil cresce, e chega a 81% da população, diz pesquisa. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/18/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-chega-a-81percent-da-populacao-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2022.

VERA, Luciana Alves Rodas, GOSLING, Marlusa de Sevilha, MACEDO, Sâmara Borges. **O ritual do casamento como consumo simbólico: os significados das festas para as noivas**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2012.

Figura 1 – Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pinturicchio,_liberia_piccolomini,_1502-07_circa,_Enea_Silvio,_vescovo_di_Siena,_presenta_Eleonora_di_Portogallo_all%27imperatore_Federico_III_06.JPG. Acesso em: 27 jun. 2022.

Figura 2 – Disponível em: <https://guiaflorenca.net/biografia/o-casamento-de-maria-dos-medisis/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

Figura 3 - Disponível em: <http://modahistorica.blogspot.com/2014/05/a-rainha-victoria-e-o-vestido-branco-de.html>. Acesso em: 26 jun. 2022.

APÊNDICE A – PROTOCOLO ÉTICO

Meu nome é _____. Sou pesquisador e trabalho para _____. Estou realizando uma pesquisa sobre o tema: A RELAÇÃO DO VESTIDO DE NOIVA E A MULHER.

Agradeço a sua disposição em participar. A sua entrevista é muito importante para os estudos que estão sendo desenvolvidos atualmente sobre a relação do vestido noiva e a mulher após a cerimônia do casamento. Antes, porém, gostaria de garantir-lhe, que ao participar, você tem alguns direitos bem definidos.

1. Sua participação no nosso projeto é voluntária.
2. Você pode se recusar a responder a qualquer pergunta em qualquer momento.
3. Você poderá se retirar da entrevista ou dá-la por encerrada em qualquer momento.
4. Esta entrevista será mantida em confidencialidade, salvo autorização específica para publicação do projeto de conclusão.
5. Trechos da entrevista poderão ser utilizados na redação da análise do projeto.
6. Esta entrevista poderá ser gravada, fotografada e filmada, desde que, com o consentimento do entrevistado.
7. Pedimos a autorização da entrevistada para o uso de imagens eventualmente geradas pelo nosso encontro e trechos da entrevista para postagens de artigos.
 - a. Imagens de objetos ☐ Sim ☐ Não
 - b. Imagens da entrevistada ☐ Sim ☐ Não
 - c. Trechos da entrevista sem identificação da entrevistada:
 ☐ Sim ☐ Não
 - d. Trechos da entrevista com identificação da entrevistada:
 ☐ Sim ☐ Não
 - e. Entrevista na íntegra com identificação da entrevistada:
 ☐ Sim ☐ Não

Mais uma vez agradeço a atenção e disposição, e peço assinar abaixo como prova de que a entrevistadora a fez conhecer os itens deste protocolo.

Assinatura

Nome por extenso

Data: ____/____/____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTAS

TEMA	PERGUNTAS
A	1. O que significa para você o casamento?
A	2. Como foi/ será a cerimônia?
A	3. Como foi/ será a escolha do seu vestido?
A	4. Você teve/ tem como referência quais tipos de modelos? A escolha do modelo teve algum motivo específico?
A	5. Como foi o processo de desenvolvimento da sua roupa de casamento? Como foi a confecção/escolha/compra e a experimentação da peça?
B	6. Quem te acompanhou/acompanha na escolha do vestido?
A	7. Qual o significado do vestido de noiva para você?
A	8. No momento da escolha do vestido, você pensou sobre o que fazer com ele depois da cerimônia?
B	9. Você usaria o vestido que já pertenceu a outra pessoa sabendo que o casamento acabou?
A	10. A sua percepção sobre o vestido foi algo que modificou no uso dele durante a cerimônia? Algo te incomodou durante seu uso?
A	11. Após o seu uso, o que fez com ele?
A	12. Se guardou, por que guardou? Como você o guarda?
A	13. Caso não, houve algum arrependimento após? O que fez com o vestido?
B	14. A relação matrimonial tem algum tipo de relação com a peça?

APÊNDICE C – ENTREVISTA COMPLETA LÍVIA MERCIER E JOSELI MERCIER

Entrevistadora: E o que significa casamento pra você?

Joseli: O casamento foi pra mim foi um marco na minha vida, eu era... eu era daquelas que sempre sonhei em casar e ter filhos. Um marco na minha vida, nunca mais fui a mesma. Foi bom demais, eu recomendo pra todo mundo. Infelizmente chegou um momento que terminou. Foi melhor ter terminado que ter continuado como estava embora não fosse o meu sonho, fui daquelas que casei mesmo pensando que seria pra vida toda mas meu casamento foi maravilhoso.

Entrevistadora: E com quantos anos você se casou?

Joseli: Eu me casei com 24.

Entrevistadora: E pra você? O que significa o casamento?

Lívia: Pra mim o casamento... Eu ainda não tenho muito uma definição concreta, mas o que eu imagino que vai ser é o maior desafio da minha vida mas o começo de uma vida assim... Com muita parceria, muita paciência... Muito é... Muito assim compartilhar a minha vida com outra pessoa, uma coisa que não tem preço. É o que eu imagino hoje que vai ser o casamento. No caso depois eu te conto depois...

Entrevistadora: E como foi a cerimônia para você, Joseli?

Joseli: A minha cerimônia foi muito simples mas foi muito simples mesmo. A gente fez uma... Um casamento civil na Igreja, né, e foi muito emocionante porque eu casei na mesma igreja que a minha mãe se casou. Na verdade, o meu casamento foi absolutamente diferente do que eu imaginava e do que eu queria na verdade tivesse sido. Eu queria ter casado de dia, de vestido curto, numa igreja pequena e queria que ele não fosse assim branco, totalmente branco, queria que ele fosse marfim com detalhes em outra cor e tal. Bom, mas eu

trabalhava, a grana era curta e eu não sei cuidar de festa, não conte comigo pra isso, então a minha mãe cuidou de tudo e igreja você tem que reservar com muito tempo de antecedência, eu não tinha ideia de que fosse assim. Resultado, eu casei a noite, de vestido comprido, o máximo que eu consegui negociar é que ele era mais altinho aqui em cima porque eu via que as noivas entrando chutando o vestido e ficava apavorada com aquilo com medo de cair. Eu dizia “Não, o meu vestido de noiva não pode arrastar no chão, isso não vai dar certo”. Mas aí foi numa igreja grande, foi a noite, o vestido foi branco e foi maravilhoso. Ah! E detalhe, não sei se já falei, eu casei na mesma igreja que a minha mãe casou. Então foi muito emocionante. Eu casei na igreja de Santana que ela é imensa e depois eu pensei assim “nossa aquela igreja é muito grande, vai ficar meio estranho porque vai ficar meio vazio” mas que nada, eu chamei o mundo inteiro, os meus amigos, família, todo mundo pra igreja. O casamento foi simples porque houve a cerimônia religiosa ali, com um padre maravilhoso, daquele padre que conversava com as pessoas, que animava, sabe, não foi aquela coisa assim é... É... Formal. Claro, com todo o respeito de uma igreja e tal, mas ele brincava, ele fez pergunta pros meus pais, ele fez pergunta pros padrinhos do meu marido... noivo, foi muito bacana. E a cerimônia foi ali mesmo, na verdade a gente não fez festa, não tinha condição de fazer festa naquela época, a gente fez uma pequena cerimonia no salão da igreja com bolo, aquela mesa maravilhosa e um champanhe para brindar e refrigerante. Então foi bolo e refrigerante e foi ali mesmo na igreja, mas foi lindo, minha mãe cuidou de tudo né, minha mãe tinha muito jeito pra esse tipo de coisa, mas meu casamento foi lindo. Eu sou muito prosa do meu casamento, assim, pras condições que a gente tinha, ela encomendou louça pintada, taças... Foi maravilhoso gente. Eu só dava aval, só dava o palpite lá. Por exemplo, lembrancinhas, aí! Esqueci de pegar, podia ter pego lá, a lembrancinha do meu casamento, foi uma aliança que a minha mãe pintou, aliancinhas em porcelana pintadas, se você deixar eu posso ir ali dentro pegar. Eu acho que você vai gostar.

Entrevistadora: Pega sim, depois a gente vê.

Joseli: Mas foi lindo. Então eu só dava o palpite assim né, nas coisas que ela queria fazer de lembrancinha. “Ah minha filha, a cor do bolo, como é que você prefere? Esse aqui?” E foi mais ou menos assim, mas é... A cerimônia que eu tive eu agradeço a minha mãe, porque foi ela que cuidou de tudo, realmente foi.

Entrevistadora: E pra você, o que você imagina que será a sua cerimônia? O que você idealiza?

Lívia: Eu idealizo uma cerimônia começando é, ou melhor, terminando no final da tarde, então naquele horário que o sol tá acabando de se pôr, mas não tá de noite é... Imagino num lugar aberto. Então até por isso que eu não queria fazer no verão e a minha cabeça tá... Sabe, já pensei até nisso, porque fica muito quente então... E numa época um pouco mais fresca pra que a gente consiga fazer uma coisa ao ar livre e que fique confortável, sabe. Pra mim, pros convidados, pros noivos, pra todo mundo, enfim. É... E um lugar aberto que eu queria muito é... Eu ainda não idealizei tudo, mas eu imagino umas coisas muito específicas que eu realmente gostaria. Tipo queria música ao vivo, uma banda que fosse tocar, um Dj, é... Um lugar aberto com uma decoração um pouco mais rústica, sabe?! Com espaços pros convidados deixarem lembrancinha, deixarem foto... É uma coisa bem interativa, que vai deixar lembranças pra gente, tipo, é... Fotos, alguma coisa assim um pouco mais lúdicas que têm como os convidados, fazerem pra deixar uma lembrança, é... E o meu vestido incrivelmente é a parte que eu ainda não defini. Assim, porque eu imagino as vezes muita coisa diferente, eu sei que eu gosto muito assim de renda, eu gosto de imaginar assim aquela renda que por baixo é só a pele, sabe?! Nos braços, mas assim, é uma coisa que ainda pra mim é um pouco incógnita como que vai ser, qual que é a imagem final daquele vestido que é o mais importante. Mas o resto da cerimônia assim eu imagino.

Entrevistadora: Então você pensa “numa” cerimônia de um lugar mais instagramável, certo?

Lívia: Sim, sim.

Entrevistadora: Que eles possam ali tá interagindo e levarem aquela recordação do seu casamento pra dentro da casa.

Lívia: Sim com polaroides tem, tem algumas estações que botam aquela maquininha polaroide, você tira uma foto, escreve pros noivos. Tem até lugares que você as vezes tem um coraçõzinho em formato de... Do como se fosse de camurça ou de... Não sei o material na verdade. Você bota o seu nome, bota um recado, os noivos colecionam os coraçõezinhos num... Num negocinho de vidro, sabe?! Tem um monte de coisa mais lúdica assim, que eu queria tentar fazer pra deixar lembrança pra gente também.

Joseli: Ela quer uma festança.

Entrevistadora: E como que foi a escolha do seu vestido, Joseli?

Joseli: Ah, menina é muito difícil escolher, foi muito difícil escolher vestido. É... Bom, naquela época era revista, não tinha Pinterest, Instagram, nada disso, era revista, procurar revista, então eu comprei um monte de revistas, minha mãe comprava revista. É... eu escolhi o meu vestido da revista, agora teve uma coisa engraçada. Quando eu vi, esse que eu escolhi, pra meu vestido, quando eu vi aquele vestido, eu falei “é esse”. Entendeu?! Eu não fiquei, depois que eu vi esse, eu não tive mais dúvida que era aquele vestido. Mas menina, era um vestido que tinha uma manga bufante, era um vestido que estava na Ana Paula Arósio. Ana Paula Arósio é linda, então qualquer vestido que você bote na Ana Paula Arósio vai ficar lindo. É igual a Ana Hickmann fazendo coisa de óculos, de armação de óculos, vamos combinar, qualquer óculos vai parecer maravilhoso. Enfim. E aí, a minha madrinha, ela costurava, minha madrinha era costureira profissional mesmo, e aí quando eu olhei aquele vestido a minha mãe falou assim “nossa, esse vestido vai dar um trabalhão. Vamos mostrar pra sua madrinha”. O vestido ele era aqui em cima bem sequinho, né, e ele tinha umas pregas, assim aqui na frente, depois descia aquela saia imensa, uma saia de tecido, eu não sei nome de tecido, tipo um cetim com uma... Um tecido mais fininho em cima e aquela manga bufante maravilhosa. E todo ele era bordado

com pérolas, com pérolas, e acho que aquilo deu o toque que eu tinha vontade de fazer de alguma outra cor, eu acho que aquele desenho de pérolas deu esse toque. Levamos o... A foto né da revista pra minha madrinha ver, minha madrinha disse assim “não, eu faço esse vestido, eu faço esse vestido”. E o vestido eu participei mais do que a festa, porque eu lembro que eu fui na loja com a minha mãe comprar o vestido, o rapaz é... Deu dicas né de qual tecido mais próximo daquele que tava ali no papel, é... Eu participei da compra das pérolas, foi todo feito à mão. As pérolas e a renda que tinha aplicada no vestido, minha mãe comprou e minha mãe aplicou. Então a minha madrinha fez o vestido todo e a minha mãe fez a parte do bordado e ficou igual ao da revista. Fiquei muito, muito feliz. Foram muitas provas. Foi tudo muito caseiro e tal. Muitas provas. Fazia a parte de cima, provava, aí ajeitava aqui, provava, aí fazia a saia. Tinha uma saia por dentro de um tecido grosso tipo um linho pra armar, era só a saia que bota assim por de baixo, menina... Nossa senhora, que vida que aquilo dá no vestido.

Entrevistadora: Para poder armar, sim.

Joseli: É, e assim, a moda naquela época era aquela mesma. Quanto mais armado, melhor, e como eu não queria que ele fosse... Né?! Aquele vestido que você chuta, então eu amei. Então ele tinha aquela sainha, aqui em cima ele era mais comprido. Meu pezinho... Meu sapato aparecia. Ah... E aí forramos o sapato no mesmo tom do vestido. Foi uma coisa maravilhosa, gente. Minha mãe comprou um sapato *scarpin* comum, clarinho. Levamos pra um... Uma pessoa que forro com o mesmo tecido do vestido, ficou sensacional.

Entrevistadora: E o interessante é que você foi justamente aonde você participou mais né?!

Joseli: Exato. Foi... assim, não foi combinado, mas foi onde eu participei mais de tudo, da compra do tecido, do sapato também, do enfeite de cabeça também. Eu fui junto comprar, eu ajudei a escolher. Eu participei muito mais do vestido do que da festa.

Entrevistadora: E teve uma relação também até mesmo do próprio lojista, né, que vendeu o tecido pra você naquele processo de fazer a tradução do tecido da revista pro físico.

Joseli: O lojista na verdade, naquela época, tinha o... É... Dessas casas que vende o vestido de noiva, eles desenhavam também, tinham umas pessoas que desenhavam o vestido. Então ele tentou me convencer a fazer umas modificações no vestido, eu era muito franzina na época, eu era bem, isso aqui meu já é estreitinho então eu era bem magrinha. E ele achou, né, e a gente até respeita isso, que aquele vestido pra mim ia ficar muito... Assim... Ele tinha muito... Muita pomba, ele era muito armado. Então ele achou que por meu tipo físico podia ser uma coisinha mais, mais sequinha, mais fluida né, mais modelando o corpo. Eu não queria. Eu falei “não, eu quero este assim, com a mangona armada com... Com tudo armado, eu quero esse mesmo”. E aí, ele ajudou ele colaborou na... Porque o vestido, a revista, ela não tinha assim uma..Uma ficha técnica, né?! Aliado ao vestido... O bordado e tal... Não tinha, tinha figura, foi uma figura de... De capa, de contracapa. Eu nem me lembro sinceramente, te falar, se foi esse vestido, se foi uma revista de noiva. Eu confesso a você que eu não lembro, mas acho até que não... Eu me lembro que ela tava na contracapa assim de uma revista e a ajuda do rapaz também foi muito... Foi muito boa né, identificando o vestido... Tecido melhor e tal, com mais brilho, com menos brilho.

Entrevistadora: Sim. Ah, legal. Muito legal. E pra você, como que está sendo a escolha do vestido?

Lívia: Ta sendo é... Ainda uma coisa que me deixa com muita dúvida, porque eu gosto de muita coisa diferente e que não necessariamente ficaria bom num único vestido, então eu gosto um pouco de uma saia bufante, mas eu não consigo imaginar uma saia bufante com uma manga de renda que eu gostaria no braço todo. É... Então com uma... Caso a saia seja um pouco mais bufante eu penso numa parte de cima mais assim, de repente, até de alça, uma coisa assim mais...

é... Sóbria e a saiona assim, ou então se o destaque for a manga de renda, seria uma renda só pelos braços por exemplo, eu imagino que seja um pouco mais, menos cheio na saia por exemplo, que na minha cabeça não fica muito bom o meu rosto a renda com a saia bufante. Então eu tô tendo muita referência online, tô buscando... Posso citar o nome do aplicativo aqui?

Entrevistadora: Pode, pode falar.

Lívia: *Pinterest*, eu uso muito *Pinterest* porque eu tenho uma pasta de vestido de noiva, porque eu vejo muita coisa, mas assim, a cor eu imagino branco é... Imagino um acabamento um pouco mais talvez brilhoso, mas sem brilho nada disso, e eu tô muito inclinada a renda. Eu acho que vai definir muito a minha escolha vai ser a época do casamento, porque se for no verão eu não vou, gente, eu não vou conseguir, cara, eu sou muito, eu sinto muito calor, então se eu for casar no verão... Certamente eu não usaria renda, é o que eu imagino mas, se for um pouco mais frio acho que a renda vai falar um pouco mais alto. Então acho que vai me ajudar muito quando definir a data, saber qual vestido eu vou ficar mais inclinada a escolher.

Entrevistadora: E você pensa em casamento na igreja ou no salão?

Lívia: E penso em fazer é... Casamento seria, casamento e a... Recepção né, a festa, no mesmo lugar. Então eu imagino que o casamento, eu queria fazer a cerimônia de casamento a cerimônia religiosa num lugar aberto, seria... Essa questão de fazer no pôr do sol, com o sol acabando de se pôr. Então não imagino na igreja hoje, imagino fazer a cerimônia religiosa num espaço aberto e fazer a recepção assim no mesmo... No mesmo local. Mudar de salão talvez, mas a cerimônia seria num lugar aberto com o sol se pondo.

Joseli: Ah, mas eu vou te falar uma coisa, minha filha, independente do vestido, independente da época do ano, tu vais suar. Porque é uma adrenalina, você fica ali por dentro... Gente... E eu sou friorenta, o frio tá lá do outro lado do morro eu já tô sentindo. Eu casei em julho, tava... Não tava um dia... Tava um dia limpo,

um céu limpo assim, de noite né! O casamento acho que foi 18:30-19h, foi cedo... foi cedo. Eu lembro do relógio da rua quando a gente tava voltando, 21:32, eu lembro.

Lívia: E sentiu calor?

Joseli: Ah senti...

Lívia: Ah então certamente eu vou suar.

Joseli: Eu suei... Eu não senti frio nunca, eu suei o tempo todo. Não tem como você sentir frio não. É uma coisa muito emocionante então... Sabe?! Eu acho que se eu tivesse mesmo chovendo, ventando, com vestidinho de alça, eu acho que ainda assim eu não ia sentir frio.

Lívia: É uma coisa que pra mim assim, vai... dita muito do meu conforto, por que se eu tô suando em casa é uma coisa, suando com um monte de câmera, convidado, casando, é uma coisa que eu certamente vou ficar assim, atenta né?! Então eu vou levar uma maquiagem de reserva, vou levar uns lenços... Eu vou ter um momento de pit stop pra refazer a maquiagem. Então, meu conforto assim, da... Dessa questão de calor... Enfim, vai falar bem alto também. Especialmente por ser a situação que é, que a gente já fica nervosa, então isso vai... Eu ainda não tô certa por conta principalmente dessa questão de época né! Mas tô com as minhas referências e... Ainda não cheguei a uma conclusão final.

Entrevistadora: Sim. Perfeito. Bom. Joseli, você teve como referência quais tipos de modelo? A escolha do vestido teve algum motivo específico?

Joseli: Não... Acho que realmente não teve nenhum... Motivo específico não. Eu peguei a revista, comecei a folhear, dentro do que eu gostava. Eu queria uma coisa assim que fosse bem... Bem especial né! Então o que que era bonito na época! Não se podia... Não era... Imaginar, você pensar em um vestido fluído como hoje tem tantos, né... Era o clássico mesmo, aquela manga bufante, eu sempre gostei de manga bufante... A única coisa que eu tinha é que eu não

queria um vestido aberto, eu não me sentiria a vontade entrando numa igreja de alça por exemplo, ou com um tomara que caia como eu vejo, eu acho lindo por sinal, mas eu... Eu realmente não conseguiria. Se fosse um vestido assim ia ter que botar algum véu, alguma coisa... E eu não queria. Ah detalhe, esqueci de falar do véu, eu não queria véu, aquele véu também compridão, também não tive, o meu véu era tipo noviça, aquele curtinho aqui assim, era o que eu queria. Então o vestido foi mais coberto e o véu ele vinha daqui de cima e era curtinho assim, meio das costas no máximo.

Entrevistadora: Entendi. Perfeito. E você, teve como referência quais tipos de modelo? Tem, como referência quais tipos de modelo?

Lívia: Eu diria que, nas minhas referências de buscas no Pinterest né, eu procuro... É... Não que eu procure, mas eu geralmente salvo, me chama atenção modelos que tem um corpo que parece mais com o meu, porque eu tenho quadril mais largo, então eu não fico à vontade com vestido que é aquele que modelo muito o corpo ou então que é muito justo no corpo. Eu queria uma saia que começasse a partir do quadril e mesmo que ela não fosse muito bufante, eu não queria que ela fosse aquele tipo... qual é o nome daquele tipo?

Entrevistadora: Sereia?

Lívia: Sereia, tipo aquele que sai, que modela o quadril aqui e sai no pé só, eu não gosto muito. Então eu busco modelos que tenha um corpo mais parecido com o meu é... E que... E até em relação a cor da pele eu olho, porque eu sou mais morena então é... Eu tenho alguns tons... Eu não sei... Tons de branco, tem o branco, mas tem o branco, tem *off white*. Eu quero brancos não seria tipo branco marfim. Brancos, mas assim, é... Branco, que até eu gosto muito de branco, quando eu visto branco porque acho que... Até realça com a cor da minha pele, mas assim... Em relação... Eu não procuro muitas coisas de maneira específica, mas me chama atenção quando eu vejo alguém com quadril mais largo. Às vezes, tem gente com quadril largo, esse vestido que é um pouco mais justo fica bom, e eu fico pensando, mas... Não acho que funcionaria pra mim.

Então no máximo quando eu busco uma modelo eu reparo se o corpo dela parece... Se a cor dela parece com a minha, o cabelo... Então, no máximo... Mas não tem um modelo específico, eu acho.

Entrevistadora: É... Como foi o processo de desenvolvimento da sua roupa de casamento, Joseli? Como foi a confecção, a escolha, e a compra e a experimentação?

Joseli: A confecção foi pela minha madrinha que era costureira ela fez todo o vestido e a minha mãe bordou tudo à mão. A gente... E acabou que eu já antecipei acho que quase tudo desse negócio. Eu falo muito.

Entrevistadora: Não, mas não tem problema nenhum não.

Joseli: A gente... A gente foi na loja, a gente comprou o tecido juntas, minha madrinha foi também comprar o tecido. É... A experimentação foi... Era na casa da minha madrinha, eu ia lá com a minha mãe experimentar. Lembro que teve um dia, na última prova eu... Eu desmaiei, porque... Era um dia quente né?! Aqui no Rio sempre é quente, então eu lembro que a minha pressão abaixou, menina. Aí eu fiquei pensando qual foi meu medo, “e se no dia acontecer a mesma coisa?!” Eu lembro que a gente tava no quarto da minha madrinha. O quarto de costura dela era um quarto um pouco quente né?! E fechamos a janela pra ninguém ver a casa aquela... Quintal com várias casas, então gente de todo canto, fechamos tudo... Eu comecei a suar e eu senti meu corpo assim... Cair. Eu falei, “minha nossa senhora, e se no dia do casamento isso acontecer de novo, o que que eu vou fazer?” Minha mãe “não, calma, tudo bem”. Aí bota sal, bota açúcar na boca e tal, ficou tudo bem. Era assim, era cansativo né?! E era demorado, porque eu ficava ali e a minha madrinha vinha e as vezes era assim, alfinetinho aqui, alfinetinho aqui, alfinetinho, alfinetinho em todo canto até acabar aquele monte de alfinetada... Eu suava. E era assim, muito... Cara, eu me casei em 93, naquela época, a minha madrinha, ela já era uma senhora. Uma senhora assim, avó, né?! Então o método digamos assim, usado foi um método mesmo bem... Bem primordial, de quando ela aprendeu a costurar, né?! Então isso

acabou sendo... Sendo mais moroso porque foram alguns meses a construção desse vestido, mas deu tudo certo e foi muito prazeroso. Ah... E... É legal assim, essa... Essa preparação né, minha mãe dizia “minha filha que dia que você” Eu já trabalhava, eu já estudava de noite... “Que dia que você pode ir lá ver o vestido?” E eu tinha que caçar um dia que eu pudesse faltar o trabalho, faltar uma aula, ou num sábado mas no sábado era ruim pra minha madrinha porque a casa era grande, então sábado era o dia que ela cuidava da casa, fazia “comidarada” pra todo mundo... Mas a gente acabou ajustando e deu.. Deu tudo muito certo. Eu queria te... eu queria depois te mostrar uma foto mas eu não tenho aqui comigo, mas, a gente pode pensar nisso depois se você quiser voltar...

Entrevistadora: Claro, quero ver sim! Inclusive, estou achando superinteressante isso... A escolha ter sido pontual, daquele o vestido ter sido “o vestido”, aquele que te escolheu.

Joseli: É isso, eu acho que no meu caso foi isso. E diferentemente do dela, que ela falou que tem esse olhar mais cuidadoso de ser alguém com o seu biotipo parecido, olha pra mim e olha para Ana Paula Arósio... Gente... E eu acho que talvez por isso a minha mãe tenha ficado um pouquinho reticente, ou até o rapaz da loja tenha... “Hum...” Mas eu não queria nem saber, eu queria aquele vestido e ponto final. E ficou maravilhoso. Ah eu vou repetir isso várias vezes... Cara, o casamento, Flavia, assim, é um marco, né, é um marco inicial da construção de uma família, então assim... É uma coisa muito importante, se eu pudesse, eu tinha parado a minha vida pra cuidar de casamento, mas não dava. Não tinha como, Graças a Deus tive a minha mãe pra isso. É um momento muito importante, cada detalhe, sabe?! É... Cada rendinha que você escolhe, cada pérola que você escolhe, o tecido que você escolhe, é... É muito especial... É muito especial... É muito especial, valeu a pena.

Entrevistadora: É... E como está sendo o processo de desenvolvimento da sua roupa?

Lívia: Ainda não tem né. Ainda não temos um desenvolvimento de uma roupa específica, tem mais mesmo eu buscando referência. Eu ainda não pensei, na verdade, no desenvolvimento, se eu vou querer uma coisa mais feita a mão ou se vou querer comprar ou de repente alugar, essa parte um pouco mais prática de, de.... É... Qual vai ser a origem da roupa, a confecção... Ainda não cheguei a pensar.

Joseli: Eu nem cogitei alugar. Nem cogitei alugar porque eu queria ficar com o vestido pra mim. Na época a gente nem cogitou isso.

Entrevistadora: E você tá procurando alguma loja?

Lívia: Não. Não tenho uma referência de loja, na verdade. Conheço, eu conheço uma loja na verdade, mas é uma loja que faz aluguel de roupa de formatura, noiva... Eu não... É... Conheço, a única, mas eu reparei, realmente não busquei ainda... É outras lojas. É... vamos ver, eu conheço é... Ah, uma outra amiga minha que casou no ano passado e que me mandou o vestido... A loja que fez o vestido dela. Eles estavam postando esses dias no *Instagram* as fotos de... *TBT* do casamento dessa amiga e ela me mandou, como foi que ela casou e tudo mais. Então eu tenho duas lojas só, mas eu realmente não parei pra pesquisar ativamente ainda... Outras opções.

Entrevistadora: E Joseli, quem te acompanhou na escolha do vestido?

Joseli: Ah minha mãe. Minha mãe me acompanhou em tudo do casamento, tudo assim. Eu não... Não foi uma coisa assim que eu dividi com uma amiga e... “Que que você acha?” Não assim, foi eu e minha mãe. Minha madrinha na confecção, mas na escolha fomos eu e minha mãe.

Entrevistadora: Lívia, você já pensa? Em saber quem vai te ajudar a escolher, se vão ser a sua mãe, se serão as suas amigas?

Lívia: Eu acho que vai ser muita gente, não muita gente, mas assim, vai ser mais pessoas do que a minha mãe, isso certamente. Eu não sei ainda quem nem

quantas pessoas, mas o tipo de coisa que eu vou... Dividir com outras amigas com certeza. Eu não quero também muita gente porque casamento, eu ainda não casei mas eu já percebi como é que é, assim... Muita coisa ao mesmo tempo e... É... Pode ser estressante então já, já ouvi muita opinião de muita gente então eu não quero ter também uma sala cheia de gente no meu... Não, mas, certamente, eu imagino envolver mais algumas amigas nesse processo sim.

Entrevistadora: Perfeito. E Joseli, qual o significado do vestido de noiva pra você?

Joseli: Nossa, essa pergunta é difícil. O significado é muito, é tanto, mas tanto, tanto, tanto que eu me casei... Em 93, eu me separei em 2018... Eu desfiz do meu vestido... Foi... início desse ano ou final do ano passado. Primeiro porque na minha cabeça, eu achava que alguém ainda iria se casar com aquele vestido, né?! O vestido ficou guardado numa caixa imensa de jogo de panelas, na casa dos meus pais por muitos, e muitos anos. Aí depois minha mãe faleceu, meu pai faleceu e eu vendi a casa e desfiz daquilo tudo, o vestido de noiva foi a última coisa que saiu da casa... Na mudança... Né?! Não, na mudança não, no esvaziamento da casa pra poder vender. Eu já estava separada, eu levei o vestido pra minha casa... Depois eu me mudei pra cá e o meu vestido de noiva ainda veio pra cá, e eu abria, e olhava, e fechava, e abria, e olhava, e fechava, e abria, e olhava, e fechava. Claro o tecido, né?! Ele dá... Eu não sei se teria condições ainda de alguém usar como vestido, mas eu refleti muito o que eu ia fazer com o vestido, eu não queria pegar o vestido e jogar fora... Eu não queria pegar o vestido e dar pra qualquer um. Resultado, fiquei muito feliz, o meu vestido ele foi doado pra um quilombo, é... Iníciozinho desse ano. Não sei, até perguntei aqui agora, mas não sei se chegou à resposta, se ele... Se teve condição dele ser usado mesmo como vestido ou se somente aproveitar o tecido. A pessoa pra quem eu dei que falou pra mim que ia levar pra um quilombo falou “Jô, se não tiver condições de ser usado como vestido. Porque tem que lavar, né?! E tal pelo tempo que ficou guardado... Mas certamente esse tecido pode

ser aproveitado até para fazer outros vestidos”. Porque era muito pano menina... A saia é muito pano, pano de fora, o pano de dentro, o véu. Então ela me disse que de alguma forma ele ia ser aproveitado, e isso me deu um conforto... tão grande, e eu acabei entregando o vestido na mão dessa pessoa, que é a minha... Minha terapeuta de *Reiki* e foi a filha dela que levou pra esse... Pra esse quilombo. Eu fiquei assim, bem feliz com ele. Assim não é um vestido como outro qualquer, pelo menos pra mim né?! Não é, não foi um vestido como outro qualquer, eu tive muita dificuldade de me... De me desfazer dele. Talvez se eu tivesse uma casa maior, se o meu apartamento fosse maior e eu tivesse um lugar que... Quartinho né?! Tem casa que tem um quartinho. Cara, de repente, ele tava até por aí ainda, eu... Podia ter te mostrado.

Entrevistadora: Qual o significado do vestido de noiva pra você?

Lívia: Nossa, o significado.... Eu imagino que... O casamento é um dos maiores sonho que eu tenho na vida, então... É... E assim, pensando que o vestido que eu vou usar, eu vou usar uma vez, mas ele fica... É... Ficam os registros, fica o vestido depois, então... Pra guardar o vestido. Eu acho que ele, ele é o que vai assim... Me tornar a noiva naquele momento, sabe?! Ele vai me tornar a imagem de noiva que eu vou ser quando eu tiver nesse marco mais importante da minha vida. É... Então eu imagino que... Nossa é difícil responder isso não é pra quem ainda não casou mas é... Eu imagino que ele vai ser o que vai me sentir... Fazer eu me sentir a noiva que eu quero ser naquele momento sabe?! Pra mim é, pro meu noivo, pros demais que tiverem lá assistindo, ele vai fazer essa imagem de noiva que eu tenho na minha cabeça pra aquele momento que é aquele ponto chave.

Entrevistadora: É... Lívia, no momento da escolha do vestido, você pensa em algum momento sobre o que fazer com ele depois da cerimônia?

Lívia: Eu não pensava antes, não pensava, assim, nunca tinha pensado nisso antes, mas depois que eu vi a minha mãe passando pelo processo de... Decidir o que fazer com o dela. Aquele “ah vou doar, não vou”, que a gente se mudou e

trouxe o vestido. Eu fiquei vendo, eu... Comecei a pensar o que eu faria com o meu né?! Eu nunca cheguei numa conclusão na verdade, não sei se eu vou querer doar, se eu vou querer dar pra tipo, pra fazer, é... Pra reutilizar de alguma outra forma ou se eu vou querer guardar pra mim. Porque tem algumas coisas que... Algumas coisas materiais que eu tenho um apego sabe?! Algumas coisas marcantes de certos momentos. Então eu realmente não sei se é uma coisa que eu vou querer guardar pra sempre ou guardar por alguns anos, depois fazer alguma doação. Porque tem algumas coisas que... Algumas coisas materiais que eu tenho um apego sabe?! Algumas coisas marcantes de certos momentos. Então eu realmente não sei se é uma coisa que eu vou querer guardar pra sempre ou guardar por alguns anos, depois fazer alguma doação, ou passar pra minha filha. Eu ainda não decidi o que fazer, assim, com o vestido. Certamente que assim que terminar, eu vou guardar. Então até que eu decida, ele vai ficar comigo, com certeza, mas eu ainda não tô certa do que fazer ao final, o que que eu vou decidir fazer, se eu vou oferecer pra reutilização... Pra minha filha... Família, não sei, ainda não se decidi. Quando eu decidir eu te conto.

Entrevistadora: Perfeito. E você, Joseli, algum momento pensou?

Joseli: Antes não. Eu só sabia que era um vestido que eu queria ficar pra mim por isso não alugar e que um dia alguém pudesse usar ele de novo pra casar mesmo com ele, né?! De preferência uma das minhas, porque quando eu casei eu já sabia que eu ia querer ter filhos aí eu falei assim “uma menina de repente pode usar pra casar e tal”. Mas foi só. Simples assim. Depois guardei e não, não pensei mais nisso não. Enquanto tava no processo de criação do vestido e casamento... não era, não foi algo que me passou pela cabeça não.

Entrevistadora: É... A sua percepção sobre o foi algo que modificou no uso dele durante a cerimônia? Algo te incomodou durante o uso e após o casamento?

Joseli: No vestido não, nada me incomodou, mas aconteceu uma coisa bem engraçada. Eu tava muito nervosa, e o vestido era bem volumoso. Na hora de

descer do carro. Aquele movimento todo de... Não gente é um... É uma operação né?! Você entrar com o carro naquilo e sair do carro com aquilo. E eu lembro que eu abaixei a cabeça e ao mesmo tempo levantei a perna, o vestido era tão assim que eu esbarrei com a boca. O meu batom, vermelhão... Né?! Ficou ali bem na frente do vestido, e eu... A única coisa que eu me lembro é que o buquê era grande felizmente, o buquê caia assim né?! Não era como esses buquês hoje modernos, era um buquê... Parecia uma planta assim caindo e tal. E eu tive que ficar com o buquê sempre na mesma posição, não troquei nem de mão, fiquei com o buquê na mesma posição pra tampar o vermelhão do vestido. Não tinha tempo de alguém me socorrer porque foi na hora de entrar na igreja, que você ainda fica ali sentadinha no carro um tempo né?! Esperando alguém diz que a noiva chegou aí todo mundo se prepara e tal. Quando eu desci do carro aconteceu isso, então eu fiquei com o buquê ali só por causa disso. Agora o vestido em si não me incomodou em nada... O fato dele ser mais alto na frente, também eu fiquei muito à vontade. Eu fiquei em pé umas 3 horas, né?! O tempo da cerimônia... Religiosa, mais o tempo do, do... Da pequena recepção que a gente fez no... Salão de festas da igreja, e fiquei umas... Né?! Até sair de casa eu fiquei umas 3 ou 4 horas com aquele salto, um scarpin de bico fininho. Naquela época ainda não tinha joanete e tal. Salto alto e o vestido muito confortável. Não senti nada, não incomodou nada, não fui aquela que... Ficou se ajeitando aqui, nada, nada, nada.

Entrevistadora: E após o seu uso, o que você fez com ele?

Joseli: Ah eu imediatamente guardei né?! Alguém me ensinou de... Embrulhar num lençol branco. Então a gente embrulhou num lençol branco ou azul, gente? Não lembro. A gente embrulhou num... Num outro pano grande bem fininho... Embrulhamos ali e guardamos. Só.

Entrevistadora: Por que que você guardou?

Joseli: Ah eu guardei porque eu achava que podia, e... E seria uma alegria muito grande pra mim se eu visse alguém se casando com esse vestido. E por conta disso eu mantive guardado, por esses anos todos.

Entrevistadora: E onde que ele ficou guardado?

Joseli: Ele ficou guardado na casa dos meus pais, depois meus pais faleceram, eu tive que desocupar a casa pra vender. Eu já estava é... Separada. Eu trouxe o vestido pra minha casa, eu me mudei e trouxe pra minha segunda casa que é essa aqui, e só desfiz do vestido no iniciozinho desse ano.

Entrevistadora: Em algum momento você pensou em ressignificar essa peça durante esse processo?

Joseli: Não. O que eu pensava era mesmo de alguém usa, reutilizar... Como vestido de noiva. Nunca pensei em ressignificar em outra coisa não, eu acho até que no fim das contas é isso que vai acontecer, porque ele foi lá pro quilombo, com várias doações, junto com a máquina de costura. Então a pessoa pra quem eu doe e que levou lá no quilombo ela ficou até de verificar e depois até me dizer alguma coisa, ela acha que tem grande chance dele ser... Ressignificado ou, é... É... Dele ser do vestido de noiva, daquele monte de tecido virar alguma outra coisa, alguma, não sei se necessariamente uma peça de roupa ou uma peça de artesanato, porque as meninas lá também no quilombo algumas costuram. Então eu fiquei bem feliz por isso. Não foi uma coisa que já tenha me passado pela cabeça, mas eu acho que é isso aí que vai acabar acontecendo. Eu vou descobrir e vou te contar.

Entrevistadora: E após a doação dele, também houve algum arrependimento?

Joseli: Ah... Não, arrependimento não, de ter doado, não, mas houve assim uma... Tristezinha sabe de uma coisa, assim... Apego cara, não... Não... Apego, sei nem por quê. Eu, o que eu acredito que seria assim... Normal... Aceitável, né?! De se esperar quando a pessoa se separou, não querer ficar guardando o

vestido, né?! Mas tinha, tinha sim um porquê ficar guardando o vestido, tinha um... Tinha um significado pra mim, com certeza. Agora, arrependimento de ter dado não, to muito feliz que vai, foi pra quilombo né?! Então, tudo a ver comigo, eu fiquei muito feliz mesmo. Nenhum arrependimento.

Entrevistadora: E a relação matrimonial tem algum tipo de relação com a peça?

Joseli: Não, acredito que não, que não tem, que tenha isso não... Fui muito feliz ao longo, foram 24 anos de casamento. Não acho que tenha assim, nenhum... Assim, seu eu tivesse por exemplo, se eu tivesse casado com um vestido alugado... Né?! Que depois da cerimônia, no dia seguinte, meu marido casou com um terno alugado. Na segunda-feira foi lá e devolveu, simples assim. Se eu tivesse casado com um vestido alugado seria assim também da mesma forma e não acho que isso ia envolver em nada o matrimônio... Em alguma medida, em nenhuma medida.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COMPLETA LETÍCIA CARDINALI

Entrevistadora: O que significa o casamento?

Letícia: O casamento significa pra mim a união de duas culturas completamente diferentes. Acho que quando se tem amor, mesmo, genuíno as pessoas conseguem integrar suas culturas, dentro da sua rotina, dentro da sua evolução pessoal, da sua evolução moral, mas você tem que estar aberto para isso. Então acho que casamento significa crescimento, evolução dentro das culturas que a gente se afiniza ali com o parceiro, com a parceira. Mas para funcionar tem que ter muito amor.

Entrevistadora: Como que foi sua cerimônia de casamento?

Letícia: Foi algo muito especial porque foi como se eu tivesse saindo literalmente da fase de adolescência, de festas, baladas e tudo mais. Sem compromisso, sem responsabilidades é como se eu estivesse migrando deste ciclo da vida para um ciclo mais responsável, mais sereno, mais pacífico, mais centrado. É como se no dia do casamento tudo caísse assim, as fichas caíssem. E eu tinha 28 anos, então eu tava assim no auge de curtir, de festejar, enfim, de viver a vida, né. Mas caiu uma ficha bem grande na hora que eu estava esperando pra entrar na cerimônia. Falei “Nossa eu to me comprometendo, me responsabilizando com outro ser humano” e isso é muito sério.

Entrevistadora: E como foi a escolha do seu vestido?

Letícia: A escolha do meu vestido foi conexão, eu acho que foi ele que me escolheu. Porque eu já tinha experimentado alguns vestidos antes desse que eu escolhi... E (e outros vestidos despertavam um) vazio, um sentimento de não é esse. Eu acho que o vestido, é a roupagem que a gente se prepara para este novo ciclo de responsabilidade. Acho que o vestido tem que correlacionar com essa nova fase da vida, não dá para ser um vestido... Pelo menos é o que eu pensava na época, não dá para ser um vestido que espelhasse o meu ciclo que

eu tava saindo, o meu ciclo antigo. Tinha que ser um vestido que espelhasse o futuro. Era o que eu queria ser, e não que eu era, o que eu tava deixando de ser. Então todos os vestidos que eu estava vestindo era exatamente isso sereia, que era exatamente a forma que eu me vestia, tudo mais colado, tudo mais decotado, sempre sereia, nunca tava feliz em vestir esse tipo de vestido. Até que eu fui numa loja no centro da cidade, e ele me apresentou o... evasê? Evasê o nome? Que é um A, que ele é um (modelo) sereia, mas só que ele é mais aberto, não fica tão colado no corpo. Ali eu senti a conexão na hora. É colado como eu gosto, mas não é tão colado como uma tchuchucona. E aí, me remeteu meio princesa... Metade princesa metade mulher, sabe? Me remeteu esses dois universos esse estilo evasê. Ele me apresentou esse que eu escolhi, e foi amor à primeira vista, logo de cara. E outra coisa, é uma morte e renascimento, né. Você literalmente morre para renascer quando você assina o contrato de casamento. É essa sensação, é morte e renascimento total. E aí tinha pérolas, tinha renda, tinha um certo decote, mas não era um decote tão menina, tão adolescente. Tinha tule que na época era moda e era algo muito delicado também simbolizando esse romantismo do casamento. E tinha muito brilho, porque eu queria uma coisa com brilho, até porque a gente tem muita essa crença, a mulher tem muita essa crença de que no casamento ela tem que brilhar, tem que aparecer. E por mais que você não tenha essa atitude, ou essa posição social no seu dia a dia, no seu casamento é como se você quisesse deixar a timidez, a insegurança, tudo de lado e expressar isso no seu vestido através do brilho. Você deixa a timidez, a insegurança, o julgamento, o que as pessoas vão falar e você vai lá e taca um brilho por conta dessa... Dessa crença coletiva que é meu dia, eu mereço, eu posso, eu consigo, eu realizo. O vestido de noiva te traz um empoderamento, você se sente muito mais segura, mais autêntica, mais verdadeira com você mesma, como se tirasse algumas máscaras, né. E nem que o tabu casamento trouxesse essa questão da submissão, da anulação, entende, então eu realmente trouxe pro vestido todo este pensamento, todas as minhas crenças de mim mesma para o futuro.

Entrevistadora: Você teve/ tem como referência quais tipos de modelos? A escolha do modelo teve algum motivo específico?

Letícia: A única coisa que eu sabia que eu não queria. Eu não fui sabendo o que eu queria, eu fui sabendo o que eu não queria, era a princesa bufante, cinderela. Embora eu estivesse na minha fase mais magra, eu estava com 60 kg quando eu casei, então isso não era problema. Mas eu não queria o formato bolo porque remetia essa questão da infância e eu ali estava amadurecendo, evoluindo, crescendo, responsável, e o formato bolo ainda era muito princesa muito infância pra mim. Então tudo que me apresentavam eu falava formato bolo não, formato bolo não, formato bolo não. Então me apresentavam sereia ou também um formato bolo só que menor, mas com um tipo de vuolzinho, com um monte de vuolzinhos, formando um bolo, várias camadas, mas eu também não gostava. Ai quando me apresentaram o evasê que foi amor à primeira, aí que eu tinha certeza que era aquilo ali.

Entrevistadora: Como foi o processo de desenvolvimento da roupa do casamento? Você comprou já ela pronta e fez alguma modificação?

Letícia: Comprei ela pronta, porém eu a modifiquei. Tinha pouca pérola botei mais pérola, tinha uma costura de flores na manga, porque não era manga, manga, era uma 3x4, aí pedi pra trocar a renda com menos flores. Troquei algumas rendas, fechei mais o decote nos seios e fechei também nas costas que era um pouquinho mais aberto. Ai a transformação que a costureira fez nas costas foi abrir o tule, porque o tule era todo único. Aí ela abriu o tule no meio e colocou botões leitosos bem bonito grandão, que ficou bem chique, bem moderno também na época. E na época a costureira me sugeriu botar mais brilho e botei mais brilho também.

Entrevistadora: Essa costura era de sua confiança ou foi apresentada nesse momento?

Letícia: Ela foi apresentada nesse momento por uma pessoa que trabalhava comigo fazendo preparação de cabelo, que na época eu trabalha com maquiagem e penteado. E aí eu tinha uma assistente que fazia preparação de cabelo para mim e a mãe dela era costureira de uma estilista famosa de noivas. A partir do momento que ela se apresentou sendo funcionária dessa estilista famosa eu confiei de cara que ela ia fazer um trabalho bem-feito, e fez. Ah, e ela também modificou a barra porque a calda, pegava tipo um alfinetezinho e prendia na “bunda” na hora pra festa. Ela colocou na calda tipo um elástico que você puxava aqui embaixo como se fosse uma cortina e ela subia como se fosse uma cortina, tipo a saia da bela e a fera. E ela modificou isso também, ficando mais prático e mais bonito.

Entrevistadora: E nessas experimentações, como foi esse momento para você?

Letícia: Era sempre assim como se eu tivesse saindo, uma carta de alforria também. Porque quando você casa e sai do ciclo também que se encontrava é como se você tivesse matando entre aspas a sua família. E quando você tem algumas questões com a família é como se fosse uma carta de alforria mesmo. Então toda vez que eu ia ver o vestido eu sentia assim, “caramba, tá chegando perto, eu tá provando, tem mais uma prova antes do casamento, tá chegando perto e é uma sensação de libertação de carta de alforria mesmo”. Foi isso que me veio, quanto mais chegava perto as provas do casamento mais eu sentia essa sensação de liberdade.

Entrevistadora: Quem te acompanhou na escolha do vestido?

Letícia: A Cristiane. Vários momentos ela estava lá comigo e estava no dia que eu escolhi o vestido. Ela foi minha madrinha de casamento, e como ela tinha casado, nós somos amigas de adolescência, ela tinha casado mais ou menos uns 5 anos antes de mim. Ela tinha uma certa experiência com isso, e aí, eu confiei nela para me levar em todo esse processo.

Entrevistadora: O que é o vestido de noiva para você?

Letícia: Transformação, liberdade, transformação e empoderamento. Liberdade em de ser quem você é, sem pensar no julgamento do outro. Porque quando a gente coloca qualquer vestido, vou na balada X, eu não tenho liberdade de botar aquele vestido, porque eu não sei se eu vou ser julgada, criticada, abusada, violentada quando sair na rua com o tipo de vestido que eu escolher. Então quando você escolhe o vestido do seu casamento e você tá segura daquilo ali, você tá sendo você, seu perfil, o formato que você quer, sem máscaras... É liberdade, empoderamento e transformação.

Entrevistadora: E no momento da escolha do vestido você pensou em algum momento o que fazer com ele depois do casamento?

Letícia: Sim, como eu comprei, era meu, eu quis revender. Mas eu não sei se por moda ou identificação mesmo das mulheres que vieram até mim, não consegui vender. Tentei alugar, aí também não deu certo, não foi pra frente, e o vestido ficou dentro do armário parado até hoje. Acho que é isso também, né, quando você coloca tanta energia em um vestido só como eu coloquei, que pra mim foi muito significativo, a outra não necessariamente vai se sentir reconhecida ali.

Entrevistadora: Você usaria o vestido que já pertenceu a outra pessoa sabendo que o casamento já acabou?

Letícia: Não. Não usaria nem vestido de outra pessoa, por isso que eu comprar, não quis alugar. Não entrava na minha cabeça usar um vestido que milhares de noivas já tinham usado, não entrava na minha cabeça.

Entrevistadora: A sua percepção pelo vestido foi algo que modificou no uso dele durante a cerimônia?

Letícia: Muito interessante você perguntar isso! Interessantíssimo! O que que aconteceu, como meu vestido, o tule tava muito na moda, esse tule transparente

tipo segunda na pele, tava muito na moda na época, muitas madrinhas foram com vestido semelhante. Então no final das contas não teve destaque pra sociedade, porque teve vários modelos muito parecidos. Mas pra mim teve um destaque maravilhoso, mesmo eu vendo que estava parecido, eu tava me sentindo o suprasumo do universo, eu não tava nem aí se eu tava menos se eu tava mais que elas, sabe, porque eu realmente me conectei com o vestido de uma forma muito profunda. Então na hora da cerimônia foi algo que eu percebi, mas eu não absorvi. E continuei com o pensamento que eu tava do meu vestido, e bola pra frente, quando eu absorvi, um pouco, foi quando eu tava vendo o vídeo do casamento meses depois, eu falei gente meu vestido igualzinho da Tatiane, gente meu vestido igualzinho da fulana de tal, porque realmente o modelo foi muito semelhante. Só que claro não tinha pérola, não tisso, não tinha aquilo outro. Até a renda, a renda tava tão em alta que várias madrinhas fizeram com vestido de renda, sabe? Por exemplo, eu falei que eu ia fazer um penteado lateral, tinha madrinha com penteado lateral, então tudo isso, depois no vídeo, eu identifiquei. E tinhas muitas mulheres de branco também, tá, no meu casamento, de vestido de renda e de branco, então assim, aí a competição feminina inconsciente nas pessoas sendo retratada. Mas na hora do casamento, na hora da cerimônia, isso pra mim foi insignificante, percebi, mas foi insignificante. Mas não tinha como fugir na época, não tinha muitos modelos pra você correr, porque o tule tava muito em alta e todo mundo queria botar vestido de tule. Eu tava tão em congruência com o vestido, e com o nosso casamento e com o Ramon que eu nem falei com as pessoas nas mesas, eu falei no microfone, no geralzão no microfone, e não fui de mesa em mesa. Porque eu queria dançar, eu queria me acabar, eu queria beber, queria comer, queria tudo na vida. Ali foi um ato de libertação pra mim. Tanto que até hoje as pessoas falam do nosso casamento que todo mundo dançava, do idoso, da criança, do bebezinho, da cadeirante, todo mundo na pista de dança, ninguém ficou sentado, ninguém! Foi muito, muito expansivo!

Entrevistadora: Durante seu uso, alguma coisa a incomodou?

Letícia: Nada, zero, estava na medida certinha

Entrevistadora: Após o uso, o que fez com ele?

Letícia: Lavei, botei pra lavar na lavanderia, e guardei para tentar vender, mas não consegui. Mas a primeira coisa foi lavar, tava bem sujo. Ah, e algumas vezes eu fiquei olhando ele no armário também, pegava, relembrava do casamento, olhava, ficava saudosista, né.

Entrevistadora: E ele tem algum lugar especial no armário? Como é esse lugar?

Letícia: Tem. Primeiro que é o armário da minha avó, que pra mim simboliza essa casa, botei ele dentro da minha casa, da minha infância. Então é como se ele tivesse realmente entrado no lugar de uma outra Letícia. É como se eu tivesse selado o vestido dentro do armário da minha infância, e aí ele tá lá num lugar especial isolado dentro desse armário que pra mim significa muito esse armário, fez muita parte da minha infância. Muito mesmo. É como se fosse um jazigo, né, aqui jaz uma criança que morreu, uma adolescente que morreu e o vestido é o jazigo.

Entrevistadora: Perfeito! E por que guardou?

Letícia: Pra vender ou alugar.

Entrevistadora: Se guardou, em algum momento pensou em ressignificar essa peça?

Letícia: Não. Nunca. Porque eu sempre tive de levar a felicidade que foi imantada ali do meu casamento para um outro casamento, para uma outra pessoa que comprasse ou alugasse.

Entrevistadora: Perfeito! E a relação matrimonial tem algum tipo de relação sua com a peça?

Letícia: Não, foi realmente um jazigo total. Foi a lápide que encerrou o ciclo e eu desapeguei.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COMPLETA REGINA FARTO

Entrevistadora: O que significa para você o casamento?

Regina: O casamento... boa pergunta! Nunca parei para pensar nisso... É a união de duas pessoas que decidem levar a vida em conjunto para formar uma nova família.

Entrevistadora: E como que foi a sua cerimônia?

Regina: A minha cerimônia foi só na igreja, porque eu casei em 1990, logo depois do Plano Collor, foi aquele caos, e ninguém mais tinha dinheiro. O dinheiro todo ficou preso e o que o meu pai conseguiu tirar, sacar de dinheiro da poupança era, por exemplo, o que o fotógrafo pediu pro preço dele para fazer as fotos do casamento, pra você ter uma noção. E no mesmo dia tinha um outro casamento, o meu foi de manhã, né, 10 horas da manhã e mais tarde teria outro, que foi cancelado, por conta disso. Aí a ornamentação da igreja nós íamos dividir, eu e a outra noiva, né... O que não rolou. Aí foi só aquela cerimônia mesmo na igreja, onde a gente participava do grupo jovem lá, né...E um bolo, um refrigerante no salão ao lado, da própria igreja. Então terminou a cerimônia, fomos pro salão, só praquela coisa de cumprimentos e o bolo.

Entrevistadora: Então não teve ornamentação por conta da outra noiva?

Regina: Até teve, umas florezinhas lá, né. Porque na verdade, naquela época não tinha esse glamour todo, ne, essa coisa... porque hoje virou um evento. E naquela época a gente não tinha assim, não pelo menos eu, né, pobre mortal, não tinha nem a intenção nem como sonhar em ter um evento, entendeu? O casamento era exatamente para isso, você estar com aquela pessoa, você viver com aquela pessoa e ter a sua família.

Entrevistadora: Foi algo então para não passar em branco, sentenciar o casamento.

Regina: É porque, ali seria, nós fizemos tudo junto né, o religioso e o civil, tudo na igreja. E como a gente sempre participou do grupo jovem a gente foi criado dentro da igreja, né... Então não teria como não ser um casamento tradicional na igreja, entendeu?

Entrevistadora: Perfeito, e como que foi a escolha do seu vestido?

Regina: Se eu não me engano, eu comprei algumas revistas, e fui procurando... Também eu desconheço, eu acho que não existia sites, essas coisas que hoje em dia tem. Eu também não tinha esse acesso todo a mídia, né, Internet. Não era assim essa facilidade que hoje a gente tem hoje. Então era revista mesmo ou ir a loja. Então eu consegui uma costureira, que foi identificada por uma amiga minha e comecei a buscar modelos por revistas. Achei um e fui até ela.

Entrevistadora: E você foi até ela para realizar a réplica, certo?

Regina: A minha mãe tinha falado que podia ter qualquer restrição, sacrifício e tal. Mas eu ia casar com um vestido que eu escolhesse, porque ela é meio frustrada com relação a isso, né, porque na época dela as dificuldades eram infinitamente maiores do que na época que eu casei. Então o que ela me falava era sempre isso, que eu ia me casar com um vestido que eu escolhesse.

Entrevistadora: Bem simbólico o que ela falou, até porque apresenta o repertório que ela também viveu.

Regina: Porque pra mim não tinha tanta importância, e sim, você não vai pegar um vestido qualquer, que você não goste, que não se sinta bem. Mas pra ela, foi muito mais importante esse momento.

Entrevistadora: Perfeito. E... Como foi o processo de desenvolvimento de sua roupa? Você quis acrescentar algo a mais, como foi o processo com a costureira?

Regina: Eu já gostei de cara do modelo. Ele é curto, começando por aí, porque como eu casei de manhã, então eu não queria ir com vestido longo, com véu

longo, eu casei com chapéu! E um vestido curto. Aí então, a costureira não tava acostumada a fazer, né, aquilo, tanto que ela ficou com a folha da revista, ela ficou! Ela não devolveu, arrancou e ficou pra ela. E ela foi dizendo ali, de acordo com a foto, os tecidos, o tipo de tecido e pra mim tava tudo tranquilo e dali eu parti com a minha mãe para comprar tudo. Eu não fazia ideia de nomes de tecido, de nada daquilo, e aí ela foi me explicando “ó aqui é assim, esse aqui é outra coisa, aqui tem um bordado, aqui tem uma aplicação” e aí eu fui entendendo e consegui visualizar tudo aquilo que ela tava me explicando e foi o que aconteceu.

Entrevistadora: E como que foi esse processo das experimentações? O sentimento que foi sentindo com as últimas provas?

Regina: Eu nem me lembro quantas provas eu tive que fazer. Ela foi bem objetiva, bem profissional e bem simples, porque era na casa dela que ela fazia, né. E o que ela pediu foi pra eu comprar o chapéu, se não me engano, minha mãe que sabe dessa história mais fácil que eu né, rs... Se eu não me engano foi isso, e a sandália, né, pra poder levar e experimentar, mas não tive muitas provas não. Ela foi direta ao ponto, nem ajustes, nada. Quando ela me entregou, tava perfeito.

Entrevistadora: E uma questão, o chapéu, ela fez algum acréscimo para entrar em combinação com o vestido?

Regina: Sim, ela colocou um tule. Acho que é tule, né. Tipo véu né? Ela colocou lá. Era um chapéu todo redondinho, de aba redondinha, né. Aí ela colocou em volta quando termina a parte de cima e começa a aba né, então nessa parte aqui em volta, ela colocou isso e deu tipo um laçarote com umas pontas, também era ponta curta e um arranjinho de flores. Foi como se fosse uma tira com o laço atrás e um arranjinho de flores, se eu não me engano, igual o que tinha na manga do vestido.

Entrevistadora: Quem te acompanhou na escolha do vestido além da sua mãe?

Regina: Meu pai me levava até lá, porque eu morava em Olinda e a costureira era de Bangu. Aí ele levava, só, nem se metia em nada.

Entrevistadora: Não teve nenhuma amiga?

Regina: Não, de escolha, nada disso. A minha amiga só indicou a costureira, que tinha feito o vestido dessa amiga.

Entrevistadora: Qual o significado do vestido de noiva para você?

Regina: Significado... Sim, um vestido simbólico, um vestido especial para aquela ocasião. Mas... eu não sou muito de colocar significado nas coisas, nos objetos. Bonito, gostei muito. E sei que tu vai perguntar já, eu tenho ele até hoje.

Entrevistadora: E o chapéu também?

Regina: Se eu não me engano, sim

Entrevistadora: E por que a escolha do chapéu?

Regina: Porque era de dia, era de manhã. E esse vestido foi emprestado depois pra sobrinha do Zé Otávio, né, de 15 anos. Pro aniversário de 15 anos, aí ela usou o meu vestido. Mas aí, a minha sogra trocou as florezinhas, os detalhes... era todo branco, minha sogra colocou lilás pra ela.

Entrevistadora: E no momento da escolha do vestido, você pensou em algum momento o que fazer com ele após a cerimônia?

Regina: Não. Acho que eu nem pensei em fazer alguma coisa assim, era meu era meu. Como você compra um vestido, manda fazer um vestido assim, ele é teu, né. Eu só sabia que eu não ia usar mais.

Entrevistadora: E você usaria o vestido de uma outra pessoa sabendo que o casamento dela já acabou?

Regina: Eu acho que sim. Nunca pensei nisso não. Mas se eu não tivesse a opção de ter o meu, ou ah gostei muito daquele ali, ah, acabou o problema é

dela! Como eu te falei, eu não faço essa associação, entendeu, pras coisas, pros objetos, ah meu deus, eu não tenho isso não.

Entrevistadora: A sua percepção sobre o vestido foi algo que modificou no uso dele durante a cerimônia? Algo te incomodou durante seu uso?

Regina: Não. Tem só uma curiosidade. Quando eu fui comprar os tecidos e tudo, a gente foi lá no centro do rio. Aí entramos numa loja e aí veio um senhor, não sei se era dono ou só vendedor, era um senhorzinho, veio atender a gente. Aí minha mãe falou que estava procurando um chapéu branco e tal, aí ele olhou pra mim e “é pra você”, “é de 15 anos?” Aí eu “não”. Já comecei a rir.” É formatura?” “Também não”. Aí minha mãe rindo também, “é casamento”. Aí ele “ah, casamento, então você é a dama”. Aí minha mãe “não ela é a noiva”. “Como assim? Criança também casa?” Aí perguntou minha idade, a minha mãe falou “não, ela já tem 24 anos!” Aí ele olhou pra mim “é verdade isso?” Falei “É, e ela sabe mais do que eu!” Ele não se convencia, foi muito engraçado.

Entrevistadora: E após o seu uso, o que fez?

Regina: Guardei. Coloquei, se não me engano em..., não sei se eu embolei num lençol ou num saco plástico e numa caixa.

Entrevistadora: Onde guardou?

Regina: Em cima do meu armário.

Entrevistadora: Tem algum lugar específico? Separado de outras coisas?

Regina: Ah não, não tem como separar. Naquele “apartamento” tem, um monte de coisa em cima.

Entrevistadora: Em algum momento você pensou em ressignificar essa peça?

Regina: Só nesse momento que eu emprestei a sobrinha. Não gostei muito não por causa do detalhe lilás, porque eu odeio, né. Mas tudo bem, era a cor da festa dela, não podia fazer nada.

Entrevistadora: A relação matrimonial tem algum tipo de relação com a peça?

Regina: Não, acho que não.